

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais



**“Crenças sobre a violência nas relações íntimas em indivíduos hétero e
homossexuais”**

Maria Magalhães Paes de Carvalho

Porto, 2018

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Maria Magalhães Paes de Carvalho

Assinatura: _____

**“Crenças sobre a violência nas relações íntimas em indivíduos hétero e
homossexuais”**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Fernando Pessoa, como parte integrante dos requisitos
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Justiça: Vítimas de
Violência e Crime, sob orientação da Professora Doutora Ana Isabel
Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro

Porto, 2018

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Resumo

O estudo sobre a violência nas relações íntimas teve início na década de 70 com os movimentos de emancipação feminina. Em Portugal, foi no decorrer da década de 90 que se iniciou a investigação sobre esta temática. A violência que ocorre no seio das relações íntimas tem sido estudada, em Portugal, maioritariamente na população heterossexual, existindo uma discrepância entre o número de investigações nessa população e na população homossexual. Os dois artigos apresentados nesta dissertação pretendem analisar as crenças sobre a violência nas relações íntimas em indivíduos hétero e homossexuais. O primeiro artigo consiste num estudo de natureza teórica em que, através de uma revisão sistemática da literatura, foram selecionados três artigos, de um total de 153 artigos encontrados em quatro bases de dados eletrónicas (*B-On*, *EBSCO*, *Pub-Med* e *Sage*). Da análise de três artigos selecionados, resultaram quatro tópicos de resultados: Ideologia Tradicional, Igualdade de Direitos, Papel do Homem e da Mulher; Atribuição de justificações aos Comportamentos Violentos; Crenças legitimadoras da violência na população homossexual; Crenças sobre os Comportamentos Violentos. No segundo artigo apresentaram-se os resultados de um estudo de natureza qualitativa, em que foram entrevistadas onze pessoas (quatro indivíduos do sexo feminino e sete do sexo masculino), com orientação homossexual ou bissexual. Da análise de conteúdo efetuada através dos dados recolhidos nas entrevistas, resultaram cinco categorias principais: perceção da violência e as suas manifestações; violência nas relações de intimidade e as suas justificações; outing; resolução de conflitos na relação íntima; o apoio e a perspetiva da sociedade. Através dos resultados obtidos nos dois estudos, concluiu-se que as principais crenças demonstradas pelas amostras em estudo recaem na legitimação e banalização da pequena violência, no romantismo envolvido nos comportamentos violentos e na ideologia tradicional do papel do homem e da mulher.

Palavras-chave: violência nas relações íntimas; crenças; homossexuais; heterossexuais.

Abstract

The study of intimate partner violence began in the 1970s with the movements of female emancipation. In Portugal, it was in the course of the 90's that research began on this subject. The violence that occurs within intimate relationships has been studied in Portugal, mainly in the heterosexual population, and there is a discrepancy between the number of investigations in this population and in the homosexual population. The two articles presented in this dissertation intend to analyze the beliefs about violence in intimate relationships in hetero and homosexual people. The first article consists of a theoretical study in which, through a systematic review of the literature, three articles were selected from a total of 153 articles found in four electronic databases (*B-On, EBSCO, Pub-Med and Sage*). From the analysis of three selected articles, four topics of results were produced: Traditional Ideology, Equal Rights, Role of Man and Woman; Attribution of justifications to Violent Behaviors; Beliefs legitimizing violence in the homosexual population; Beliefs about Violent Behaviors. The second article presented the results of a qualitative study, in which eleven people (four women and seven men) were interviewed, with homosexual or bisexual orientation. From the content analysis carried out through the data gathered in the interviews, five main categories resulted: perception of violence and its manifestations; violence in intimate relationships and their justifications; outing; conflict resolution in intimate relationship; the support and perspective of society. Through the results obtained in the two studies, it was concluded that the main beliefs demonstrated by the study sample lie in the legitimacy and banalization of small violence, in the romanticism involved in violent behaviors and in the traditional ideology of the role of men and women.

Key-words: intimate partner violence; beliefs; homosexuals; heterosexuals.

Agradecimentos

Aos meus Pais, aqueles que são e serão sempre o meu porto de abrigo. Sem eles, nada disto seria possível e, por isso, quero agradecer-lhes por todo o esforço que fizeram por mim, pelo apoio que sempre me deram, pelos incentivos, por vezes bruscos, que eu necessitei para nunca desistir. A eles um obrigado do tamanho do mundo, e nem isso chega. Obrigada pelos exemplos que dão vida!

Aos meus irmãos, ao António e à Madalena, por todo o apoio ao longo deste percurso, por toda a confiança e, ainda sendo mais novos, por tudo aquilo que aprendo com vocês!

Às minhas orientadoras, Ana Isabel Sani e Cristina Soeiro, por todo o apoio prestado, pelos incentivos que me deram nos momentos em que desistir parecia a solução mais fácil, por toda a paciência e dedicação.

Às minhas primas, Margarida, Beatriz e Inês, por todas os serões de estudo em que me acompanharam e, principalmente, à Leonor, por toda a amizade, ajuda e esperança que me deu durante este percurso!

Às minhas grandes companheiras durante estes cinco anos de estudo, à Liliana Ribas e à Liliana Ferreira, agradeço tudo o que vivemos durante este tempo, todo o apoio, toda a ajuda, todo o carinho e motivação que sempre tiveram comigo. Guardar-vos-ei para sempre na minha vida e no meu coração!

À Carolina, à Mafalda e à Raquel, por acreditarem sempre em mim mesmo quando nem eu acreditava. Pela força que me deram. Por serem para mim mais que amigas, por serem irmãs e, porque não sei viver sem vocês!

Ao André e ao Rui por todo o apoio e ajuda na divulgação do estudo e pela vossa amizade!

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Por último, mas não menos importante, ao Tomás! Porque não existem palavras para transmitir tudo o que foste e és para mim, todo o apoio que me deste, toda a força nos momentos mais difíceis... A ti, Obrigada!

Índice

Introdução geral	1
Referências	5
Artigo 1.....	7
Crenças nas Relações Íntimas: Uma Revisão Sistemática da Literatura	8
Resumo	8
Abstract.....	9
Introdução	10
Metodologia	12
Procedimentos da pesquisa	12
Critérios de inclusão e de exclusão.....	12
Seleção dos artigos	13
Etapa 1	13
Etapa 2	13
Resultados	14
Estudos empíricos.....	15
Design	15
Características das amostras.....	15
Contexto de recrutamento e processo de amostragem.....	17
Instrumentos utilizados	18
Principais resultados e conclusões.....	21
Discussão	25
Considerações Finais	27
Referências	28
Artigo 2.....	29

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais: Um estudo empírico	30
Resumo	30
Abstract	31
Introdução	32
Método	37
Participantes	37
Instrumento	38
Procedimento	39
Resultados	42
Discussão	66
Conclusão	70
Referências	72
Conclusão Geral.....	74
Referências	77
Anexos.....	78

Introdução geral

Existem ainda, muitos estereótipos relacionados com a relação entre homem e mulher, principalmente nos lugares que estes ocupam na sociedade. Tradicionalmente, a mulher ocupa uma posição de submissão, sendo vista como um instrumento de reprodução e é, também, responsável pela educação/criação dos filhos. Enquanto, que o homem ocupa uma posição de dominância, contudo, estas posições têm vindo a neutralizar-se (Guedes, Silva, & Coelho, 2007; Monteiro & Souza, 2007).

Desde dos anos 80, que a violência contra as mulheres, principalmente a violência conjugal, começou a ser questionada, sobretudo por grupos feministas, o que possibilitou que houvesse um aumento da denúncia e do combate à mesma (Diniz, Lopes, Gesteira, Alves, & Gomes, 2003). A violência sobre pessoas que se encontram ligadas por meio de laços afetivos, relações familiares e de intimidade (violência doméstica), não é um fenómeno recente, contudo, em Portugal foi apenas a partir da década de 90 que começou a existir consciência sobre a dimensão do problema. No início da investigação, apenas se teve em consideração a “violência marital”, o que hoje em dia conhecemos como violência conjugal, mais tarde começaram a surgir outros tipos, como por exemplo, a violência no namoro (Caridade & Machado, 2006).

A violência conjugal, presentemente, é caracterizada como sendo uma das principais ameaças que afeta todos os membros do seio familiar, sobretudo a saúde dos indivíduos do sexo feminino (Coelho, 2005; Rosa, Boing & Buchele, 2008). Muitas vezes, é referida como a violência que existe nos relacionamentos ou maus-tratos sobre a mulher. Esta violência engloba vários tipos da mesma (e.g. física, psicológica, sexual, entre outras) e é caracterizada como sendo a tentativa ou ameaça de violência perpetrada por um homem ou por uma mulher sobre o seu cônjuge ou ex-cônjuge ou alguém com quem esteve, ou está envolvido intimamente, ou seja, consideramos a existência de violência conjugal mesmo quando os

companheiros não se encontram legalmente casados (Almeida & Soeiro, 2010; Alves & Diniz, 2005; Cabral, 1999; Cortez & Souza, 2008; Coelho, 2005; Diniz, et al., 2003; Rifiotis, 2008; Rosa, et al., 2008).

Como referido anteriormente, utilizamos o termo “violência conjugal” ou “violência no casal”, geralmente, quando estamos a referir-nos a uma relação entre um homem e uma mulher. Porém, a vivência de casal pode não corresponder sempre à situação descrita anteriormente, como se verifica no âmbito das relações íntimas em indivíduos do mesmo sexo (Antunes & Machado, 2005). Desse modo, iremos utilizar ao longo da presente Dissertação o termo, violência nas relações íntimas ou violência nas relações de intimidade (VRI).

Nos dias de hoje, podemos afirmar que a problemática da violência nas relações íntimas é reconhecida de forma consciente pela sociedade, sendo tida como uma responsabilidade pública. Enquanto que nos anos anteriores a mesma era considerada um assunto privado, de cariz familiar. Note-se que este reconhecimento surgiu das investigações e dos estudos realizados e, também, através dos media e da publicidade existente em torno desta temática (Czuba, 2015; Matos, Machado & Gonçalves, 2006).

Tradicionalmente o conceito de homossexualidade designava-se por ser um desvio à norma, ou até mesmo uma doença do foro psiquiátrico (Dinis & Cavalcanti, 2008). Hoje em dia, esta ideia tem vindo a neutralizar-se, contudo a homossexualidade continua a ser alvo de discriminação e preconceito. Existem ainda, muito poucos estudos que relacionam a violência nas relações íntimas em casais homossexuais, pois como já referido, o tema da homossexualidade ainda é visto com algum preconceito (Costa, Machado, & Antunes, 2011; Dinis & Cavalcanti, 2008; Gelles, 1997; Nunan, 2004, 2010).

Um dos estudos pioneiros sobre a violência íntima em indivíduos homossexuais foi realizado por Brand e Kidd, em 1986 (citado por Antunes e Machado, 2005). Estes autores,

compararam a violência experienciada por vítimas do sexo feminino que se encontravam em relações heterossexuais ou homossexuais. Como principal conclusão, apontaram que os homens das relações heterossexuais eram mais violentos que as mulheres das relações homossexuais (Antunes & Machado, 2005).

Em Portugal, já ouvimos e conhecemos investigações sobre a violência nas relações de intimidade em indivíduos homossexuais, como o estudo desenvolvido por Costa, Machado e Antunes (2011) ou o estudo de Domingues (2015). Contudo, alguns desses estudos demonstram principalmente enfoque na prevalência e na vitimação deste fenómeno, esquecendo muitas vezes as características e/ou causas (e.g., crenças legitimadoras da violência) que lhe estão associadas.

Os vários estudos, como o estudo de Costa e colaboradores (2011) que teve como principal objetivo determinar qual a prevalência das diversas formas de vitimação e de perpetração de violência em casais homossexuais, têm mostrado ao longo dos tempos as várias semelhanças que existem sobre a violência praticada entre indivíduos heterossexuais e homossexuais, sendo esta, geralmente, exercida sob a forma física, psicológica e sexual. Contudo, importa referir que apesar das tipologias serem as mesmas, a forma como são postas em prática, são, por vezes, diferentes. Uma dessas diferenças passa pelo *outing* ou ameaça de *outing*, que se caracteriza como sendo uma das formas específicas de abuso emocional característico das relações homossexuais. Este fenómeno caracteriza-se como sendo uma estratégia de controlo e intimidação, que tem como principal objetivo a revelação ou a ameaça de revelação da orientação sexual do parceiro (Costa, et al., 2011; Gelles, 1997; Nunan, 2004, 2010).

A presente Dissertação de Mestrado, é composta por dois artigos científicos. Uma vez que a maioria dos estudos existentes incide sobre a população heterossexual, decidiu-se na presente Dissertação de Mestrado, apresentar um primeiro artigo mais abrangente,

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

englobando as crenças sobre a violência nas relações íntimas em indivíduos hétero e homossexuais e, um segundo artigo, que incidisse nas crenças sobre a violência íntima apresentada por indivíduos do mesmo sexo. Deste modo, o primeiro artigo consiste numa revisão sistemática da literatura internacional, focada nas crenças sobre a violência nas relações íntimas, que pretende analisar o estado de arte existente sobre a temática em estudo. Tendo procurado responder às seguintes questões de investigação: quais as crenças existentes, relativas à violência praticada nas relações de intimidade e, de que forma é que as mesmas se manifestam. Em contrapartida, o segundo artigo compreende a apresentação dos resultados do estudo empírico de natureza qualitativa, que procurou perceber junto de indivíduos com orientação homossexual ou bissexual quais as crenças sobre a violência praticada no seio de uma relação íntima entre pessoas do mesmo sexo e a forma as mesmas se manifestam. No final, tecem-se breves considerações sobre os resultados obtidos, eventuais limitações, dificuldades experimentadas e sugestões para estudos futuros.

Referências

- Almeida, I. & Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica*, 1(28), 179-192.
- Alves, B. L. S. & Diniz, F. M. N. (2005). “Eu digo não, ela diz sim”: A violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 58(4), 387-92.
- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167-187.
- Cabral, A. A. M. (1999). Prevenção da violência conjugal contra a mulher. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 183-191.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(24), 485-493.
- Coelho, P. (2005). Violência conjugal, violência física conjugal nas mulheres que recorrem aos cuidados de saúde primários. *Revista Portuguesa Clinica Geral*, 21, 343-51.
- Costa, G. L., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Escola de Psicologia, Universidade do Minho*, 2-26.
- Cortez, B. M. & Souza, L. (2008). Mulheres (in)subordinadas: O empoderamento feminino e as suas repercussões. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2(24), 171-180.
- Czuba, J. N. S. (2015). *Violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais*. (Tese de mestrado não publicada). Ispa, Lisboa.
- Dinis, F. N. & Calvalcanti, F. R. (2008). Discursos sobre homossexualidade e género na formação em pedagogia. *Pro-Posições*, 19(2), 99-109.
- Diniz, F. M. N., Lopes, M. L. R., Gesteira, M. S., Alves, B. L. S. & Gomes, P. N. (2003). Violência conjugal: Vivências expressas em discursos masculinos. *Revista Escolar Enfermagem USP*, 37(2), 81-8.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

- Domingues, H. (2015). Prevalência e Caracterização da Violência em Casais de Gays, Lésbicas e Bissexuais (Tese de Mestrado não publicada). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Gelles, R. (1997). *Intimate violence in families*. California: Sage Publications.
- Guedes, N. R., Silva, C. M. A. & Coelho, C. A. E. (2007). Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero. *Revista Electrónica de Enfermagem*, 2(9), 362-378.
- Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. (2006). *Escala de crenças sobre violência conjugal (E.C.V.C.) e inventário de violência conjugal (I.V.C.)*. Departamento de Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *Psico*, 35(1), 69-78.
- Nunan, A. (2010). Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicologia Argumento*, 28 (62), 247-259.
- Rifiotis, T. (2008). Judicialização das relações sociais e estratégias de reconhecimento: Repensando a ‘violência conjugal’ e a ‘violência intrafamiliar’. *Revista Katál. Florianópolis*, 2(11), 225-236.
- Rosa, G. A., Boing, F. A., & Buchele, F. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde Social São Paulo*, 3(17), 152-160.

Artigo 1

Crenças nas Relações Íntimas: Uma Revisão Sistemática de Literatura

Crenças nas Relações Íntimas: Uma Revisão Sistemática da Literatura

Maria M. Paes de Carvalho, Ana I. Sani, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, & Instituto Superior de Ciências da Saúde

Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal

Resumo

O estudo sobre a violência nas relações íntimas teve início na década de 70 com os movimentos de emancipação feminina. Em Portugal, foi no decorrer da década de 90 que se iniciou a investigação sobre esta temática. A violência que ocorre no seio das relações íntimas tem sido estudada maioritariamente na população heterossexual, existindo uma discrepância entre o número de investigações nessa população e na população homossexual. Este artigo é o resultado de uma revisão sistemática da literatura que procurou perceber quais as crenças existentes, relativas à violência praticada nas relações de intimidade e, de que forma é que as mesmas se manifestam. A pesquisa foi feita em quatro bases de dados eletrónicas: *B-On*, *EBSCO*, *Pub-Med* e *Sage*. Da análise de três artigos selecionados, resultaram quatro tópicos de resultados: Ideologia Tradicional, Igualdade de Direitos, Papel do Homem e da Mulher; Atribuição de justificações aos Comportamentos Violentos; Crenças legitimadoras da violência na população homossexual; Crenças sobre os Comportamentos Violentos. Concluiu-se que as principais crenças demonstradas pelas amostras dos estudos em análise recaem sobre o romantismo envolvido nos comportamentos violentos, com a ideologia tradicional do papel do homem e da mulher e nas justificações para os comportamentos violentos.

Palavras-chave: violência nas relações íntimas; crenças; homossexual; heterossexual;

Abstract

The study of intimate partner violence began in the 1970s with the movements of female emancipation. In Portugal, it was in the course of 90's that research began on this subject. The violence that occurs within intimate relationships has been studied mainly in the heterosexual population, and there is a discrepancy between the number of investigations in this population and in the homosexual population. This article is the result of a systematic review of the literature that sought to understand what type of beliefs exist, regarding the violence practiced in intimate relationships and how they manifest themselves. The research was done in four electronic databases: B-On, EBSCO, Pub-Med and Sage. From the analysis of three selected articles, four topics of results were produced: Traditional Ideology, Equal Rights, Role of Man and Woman; Attribution of justifications to Violent Behaviors; Beliefs legitimizing violence in the homosexual population; Beliefs about Violent Behaviors. It was concluded that the main beliefs, demonstrated by the samples of the studies under analysis, are the romanticism involved in violent behavior, the traditional ideology of the role of men and women, and the justifications for violent behavior.

Key-words: intimate partner violence; beliefs; homosexual; heterosexual;

Introdução

Foi a partir da década de 70, com os movimentos de emancipação feminina, que a sociedade, no geral, começou a discutir a problemática da violência doméstica (Nunan, 2004). Em Portugal, foi no decorrer da década de 90, que se pode observar uma maior consciencialização sobre o problema da violência conjugal, representada no presente estudo sob o termo de violência nas relações íntimas ou de intimidade (VRI) (Antunes & Machado, 2005).

A violência sobre pessoas que se encontram ligadas por meio de laços afetivos, relações familiares e de intimidade, não é um fenómeno recente, contudo em Portugal foi apenas a partir da década de 90 que começou a existir consciência sobre a dimensão do problema. Isto possibilitou que houvesse um aumento da denúncia e do combate à mesma (Diniz, Lopes, Gesteira, Alves, & Gomes, 2003).

Geralmente, o termo de violência conjugal, é utilizado com o intuito de descrever situações de violência que decorrem no seio de uma relação heterossexual, ou seja, entre homens e mulheres, sendo por isso um termo mais restritivo. Como tal utilizar-se-á o termo de violência nas relações íntimas, utilizado para representar a violência ocorrida entre indivíduos do mesmo sexo, e não só. Através de relatos de vítimas, soube-se da existência de maus-tratos nas relações homossexuais, o que possibilitou constatar que as características deste fenómeno eram semelhantes à violência íntima em casais heterossexuais, sendo o principal aspeto de distinção a prática de *outing*. Este define-se como uma estratégia de controlo e intimidação, que tem como principal objetivo a revelação ou a ameaça de revelação da orientação sexual do parceiro (Antunes & Machado, 2005).

Foi através de um estudo desenvolvido por Antunes e Machado (2005), que se iniciou em Portugal a investigação sobre a temática da violência íntima em indivíduos homossexuais. As autoras realizaram um estudo com um design exploratório, devido à inexistência de

investigações, onde o objetivo primordial foi determinar a prevalência de diferentes formas de vitimação nos relacionamentos homossexuais. O estudo desenvolvido tem um enfoque predominante na prevalência e na vitimação da mesma, sendo por vezes esquecidos, os fatores/causas externos e internos associados à violência (e.g. crenças legitimadoras da violência).

Apesar de ser possível identificar semelhanças entre a violência que ocorre em casais heterossexuais e homossexuais, existe uma diferença significativa na forma como a sociedade reage à mesma. A falta de compreensão por parte da sociedade pode dever-se à existência de preconceitos, estereótipos, ou até mesmo ao sentimento de homofobia. Tal pode levar a que os indivíduos homossexuais, que sofram de violência nas relações íntimas, não procurem ajuda e aceitem a vitimação, a fim de não serem expostos, legitimando a violência como algo normativo (Banks & Fedewa, 2011).

A existência de crenças e atitudes que toleram a violência contra as mulheres constituem um fator de risco para a ocorrência de abusos e comportamentos violentos. As crenças mais conservadoras sobre os papéis de homem e de mulher estão relacionadas com a tendência dos homens para usar a violência e culpar as mulheres pela agressão sofrida, e das mulheres para justificar, ou pelo menos desculpar os comportamentos dos agressores (González-Ortega, Echeburúa, & Corral, 2008). Isto leva-nos a considerar, também, a presença de crenças legitimadoras da violência nas relações de intimidade em casais homossexuais.

A existência de relações íntimas entre sujeitos é considerada essencial na formação destes, principalmente ao nível das relações sociais (Andrade & Garcia, 2009). Estas relações, têm como base principal, as percepções que são construídas ao longo das interações que os indivíduos mantêm com outros indivíduos significativos. Uma vez que a violência surge associada às representações sociais, aquilo que é considerado como violento e não violento, depende do quadro de referência de cada indivíduo. Torna-se difícil definir com

precisão a presença de uma crença, uma vez que não existe um consenso no conceito de violência (Czuba, 2015).

Deste modo, propomo-nos realizar uma revisão sistemática da literatura sobre as crenças sobre a violência nas relações de intimidade, por forma a responder à seguinte questão de investigação: quais as crenças existentes, relativas à violência praticada nas relações de intimidade e de que forma é que as mesmas se manifestam.

Metodologia

Procedimentos da pesquisa

A pesquisa realizada recorrendo às bases de dados eletrónicas *B-on*, *EBSCO*, *PubMed* e *Sage*, utilizando-se as seguintes combinações de palavras-chave e operadores booleanos: (*beliefs* OR “*violence beliefs*” OR “*beliefs about violence*” OR “*beliefs about intimate violence*”); AND (“*intimate partner violence*” OR “*domestic violence*”); AND (*homosexual* OR *heterosexual*).

A pesquisa foi efetuada em Novembro de 2017.

Crítérios de inclusão e de exclusão

Para orientar a seleção dos estudos, definiram-se critérios de inclusão e de exclusão:

Crítérios de inclusão: (a) publicações escritas em Inglês, Português e Espanhol; (b) orientação sexual explicitamente definida nas características dos participantes; (c) estudos com populações adultas (>18 anos de idade); (d) estudos referentes às crenças sobre a violência íntima; (e) estudos quantitativos, ou estudos qualitativos ou estudos mistos.

Crítérios de exclusão: (a) publicações escritas noutras línguas que não o Inglês, Português ou Espanhol; (b) estudos que focassem exclusivamente a prevalência da violência íntima; (c) estudos que focassem as crenças sobre o trabalho de profissionais no âmbito da violência íntima; (d) estudos que focassem crenças que não são sobre a violência íntima (e.g. crenças religiosas); (e) estudos sobre programas de intervenção; (f) estudos em

populações não adultas (<18 anos de idade); (g) estudos que focassem exclusivamente fatores que influenciam crenças, não as enumerando ou apresentando.

Seleção dos artigos

Na pesquisa obteve-se o total de 153 resultados (145 da *B-on*, 4 da *EBSCO*, 2 da *PubMed*, 2 da *Sage* e 1 através de *Snowballing*). Considerando os critérios de inclusão e de exclusão definidos, o processo de seleção dos artigos ocorreu em duas etapas (cf. Figura 1 - Fluxograma).

Etapa 1

Fez-se uma primeira seleção dos 153 resultados, com base na leitura dos títulos e/ou dos resumos, excluindo-se 62 resultados. Posteriormente excluíram-se 70 resultados, 51 resultados que se encontravam repetidos nas bases de dados utilizadas (*B-on*, *EBSCO*, *PubMed*, *Sage*) e 19 resultados devido à incapacidade de acesso aos mesmos.

Etapa 2

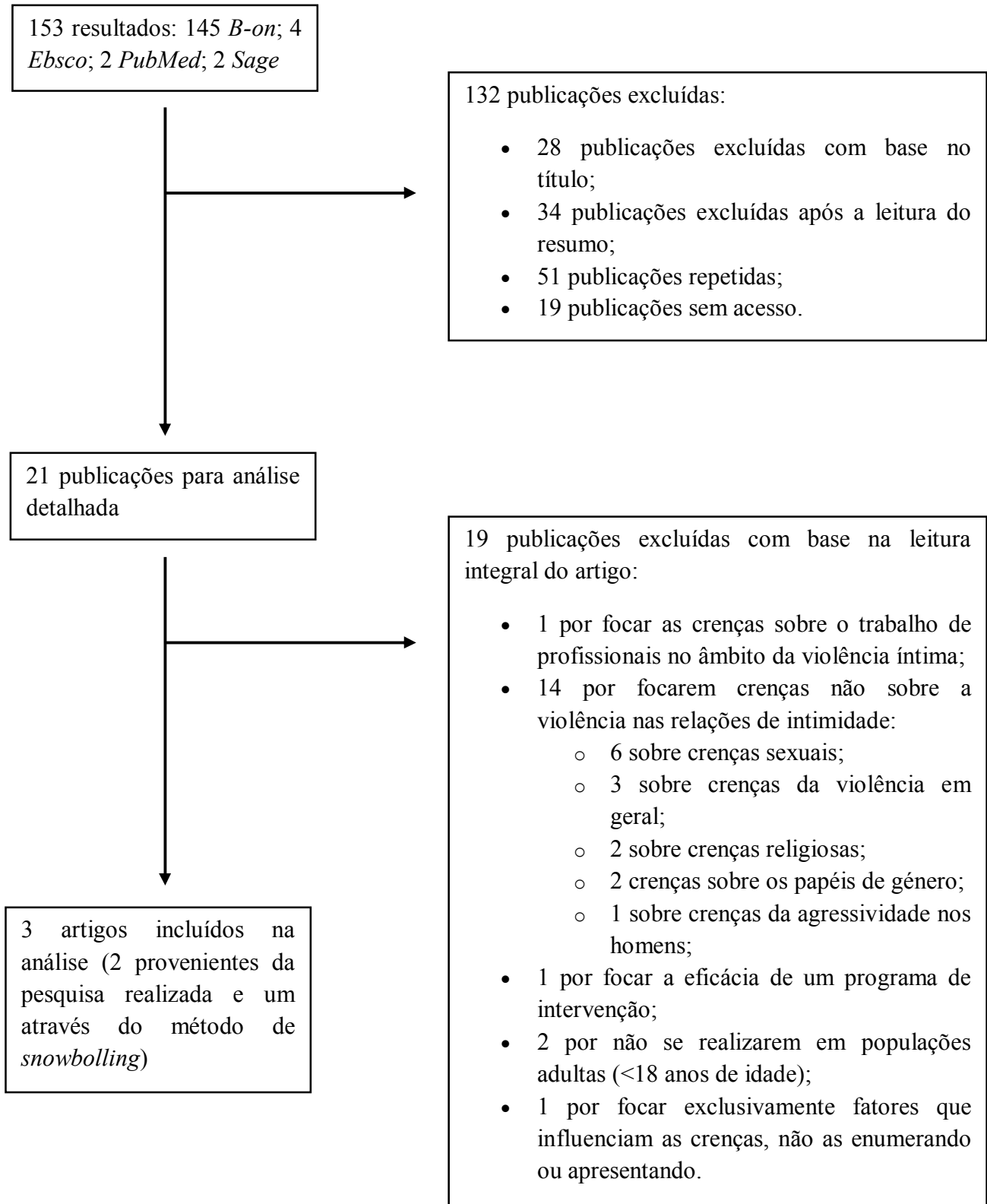
Na segunda etapa procedeu-se à leitura integral e à análise detalhada dos 21 artigos selecionados na etapa anterior. Desta análise foram excluídos 19 artigos que não preenchiam os critérios de inclusão: um estudo por focar as crenças sobre o trabalho de profissionais no âmbito da violência íntima; catorze estudos por focarem crenças não sobre a violência nas relações de intimidade (e.g. crenças religiosas, crenças sexuais, entre outras); um estudo por focar a eficácia de um programa de intervenção; dois estudos por não se realizarem em populações adultas (<18 anos de idade); um estudo por focar exclusivamente fatores que influenciam as crenças, não as enumerando ou apresentando.

Desta segunda etapa de seleção, resultou a inclusão de dois artigos para a análise no presente estudo. Recorreu-se à técnica do *Snowballing* para, através da consulta das referências bibliográficas dos estudos selecionados e da pesquisa livre em repositórios, procurar outros estudos que pudessem ser incluídos e que não tivessem surgido na pesquisa

realizada nas bases de dados mencionadas anteriormente. Tendo sido acrescentado um estudo para análise na presente investigação (Czuba, 2015).

Figura 1

Fluxograma



Resultados

Apresentam-se de seguida os resultados da análise descritiva dos três artigos selecionados, para a qual procedi à extração dos dados mais relevantes, tendo em consideração o tipo de publicação, neste caso todos estudos empíricos ($n = 3$), sobre a temática escolhida.

Dos estudos empíricos foram selecionados dados relativos ao(s) autor(es); ano de publicação; países onde os estudos foram realizados; design/desenho do estudo; amostra/participantes; instrumentos utilizados (cf. Tabela 1); principais resultados e conclusões.

Estudos empíricos

Dos três estudos empíricos, um foi desenvolvido em Portugal (Czuba, 2015) e os restantes no continente americano, um nos Estados Unidos da América (Papp, Liss, Erchull, Godfrey & Waaland-Kreutzer, 2016) e outro em Porto Rico (Perez-Jimenez, Rodríguez-Medina & Rodríguez-León, 2017).

Design

Todos os estudos são de natureza quantitativa, à exceção do estudo levado a cabo por Perez-Jimenez, Rodríguez-Medina e Rodríguez-León (2017), que é de natureza qualitativa. Neste estudo os autores utilizaram o método qualitativo com o objetivo de explorar as crenças dos indivíduos em relação à violência íntima na perspetiva de jovens adultos com relações amorosas heterossexuais parceiros.

Características das amostras

Dois estudos têm amostras constituídas apenas por indivíduos heterossexuais (Papp, et al., 2016; Perez-Jimenez, et al., 2017) e um (Czuba, 2015) por indivíduos homossexuais, sendo que o estudo de Papp, Liss, Erchull, Godfrey & Waaland-Kreutzer (2016), é apenas constituído por mulheres ($n= 275$). A dimensão das amostras nestes estudos variou entre 20 indivíduos no estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017), 10 homens e 10 mulheres,

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

131 indivíduos no estudo de Czuba (2015), 51 homens e 80 mulheres, e 275 mulheres heterossexuais no estudo de Papp e colaboradores (2016).

No estudo de Czuba (2015) as idades dos participantes estavam compreendidas entre os 18 e os 48 anos ($M=25,38$; $DP=5,610$), no estudo de Papp e colaboradores (2016) entre os 18 e os 50 anos ($M=30,26$; $DP=7,92$) e no estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017) entre os 21 e os 29 anos.

Relativamente às características sociodemográficas, todos os estudos procuraram nos seus participantes a idade, o sexo e as habilitações literárias/escolaridade, através do preenchimento de um questionário sociodemográfico. Relativamente às habilitações literárias, no estudo de Czuba (2015) a maioria da amostra completou o ensino secundário ($n=33$), sendo que no estudo de Papp e colaboradores (2016) a maior parte da amostra apresenta “*some college experience or having an associate’s degree*” ($n=115$), já no estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017), a maioria dos participantes apresenta o grau académico de licenciado ($n=8$). No estudo de Czuba (2015) foram recolhidas outras variáveis como, a orientação sexual (76,3% homossexuais e 23,7% bissexuais), permanência numa relação (37,4% não estão numa relação e 62,6% encontra-se numa relação atualmente), estado civil (81,7% são solteiros, 7,6% são casados, 9,2% vivem em união de facto e 1,5% são separados ou divorciados) e o país de residência, sendo que a maioria dos participantes reside no país onde foi desenvolvido o estudo ($n=96$), distribuindo-se os restantes pelo Brasil ($n=31$), pela Alemanha ($n=1$), por Espanha ($n=1$), por Itália ($n=1$) e pelo Reino Unido ($n=1$). Já no estudo de Papp e colaboradores (2016) foram recolhidas características como o emprego, caracterizando-se a maioria da amostra por estar empregada ($n=123$), e a raça/etnia dos participantes, sendo que a maioria se apresenta como caucasianos ($n=213$), seguindo-se dos negros/afroamericanos ($n=22$), dos asiáticos/insulares do pacífico ($n=15$), dos multirraciais ($n=5$), dos latinos ($n=4$), dos americano/índios ($n=1$), sendo que dois

participantes selecionaram a opção outros, não especificando a sua raça/etnia. Por último, no estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017), foram recolhidos dados como a renda mensal das famílias (>3000 dólares), o emprego, sendo que a amostra se caracteriza principalmente por desempregados, uma vez que apenas oito participantes estão empregados e a religião, tendo sete participantes identificando-se com o catolicismo, sete assumem não ter religião e três consideraram-se protestantes.

Contexto de recrutamento e processo de amostragem

No estudo de Czuba (2015) foi utilizado o software *Qualtrics Research Suite*, com o objetivo de recolher as respostas dos participantes. A amostra deste estudo foi recolhida entre o dia 16 de maio de 2015 e o dia 12 de setembro do mesmo ano, sendo que para a divulgação do estudo foram utilizadas redes sociais e o envio de e-mails para instituições de solidariedade sociais, familiarizadas com a temática, como a Associação ILGA Portugal, a Rede ex aequo e a Opus Gay, com o objetivo de partilharem pelos seus membros e associados, seriam incluídos no estudos os participantes que tivessem como orientação sexual a bissexualidade e/ou a homossexualidade, e que fossem maiores de idade (>18 anos). No estudo de Papp e colaboradores (2016) as participantes foram recrutadas através do *Amazon Mechanical Turk* (MTurk) que é uma fonte online que pode ser usada para recrutar participantes. Foi publicado no MTurk um link com a descrição do estudo, onde os participantes clicariam se preenchessem os critérios de inclusão (ser mulher, ter mais de 18 anos e viver nos Estados Unidos da América). No estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017) as entrevistas semiestruturadas, foram realizadas entre outubro e dezembro de 2011 no Instituto de Psicologia da Universidade de Porto Rico. Os participantes foram recrutados/selecionados através da rede social *facebook* e dos classificados online.

Tanto no estudo de Papp e colaboradores (2016) como no estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017), era oferecido como forma de aliciar/incentivar à participação dos

indivíduos, um valor monetário de 25\$ para o estudo de Papp e colaboradores (2016) e de 40\$ no estudo de Perez-Jimenez (2017).

Instrumentos utilizados

Czuba (2015) utilizou quatro instrumentos quantitativos para alcançar o objetivo do estudo, a Escala Revista de Ajustamento Diádico (RDSA; adaptada de Spanier, 1976; Costa, Pereira & Leal, 2011) que pretende avaliar a qualidade e a satisfação relacional, constituída por catorze itens que se agrupam, posteriormente, em três dimensões. A Escala de Amor Apaixonado (Hatfield & Sprecher, 1986; Neto & Hatfield, 2011), avalia o amor apaixonado considerando as componentes cognitivas, emocionais e comportamentais, constituída por trinta itens, ou quinze na versão reduzida. A Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (Machado, Matos & Gonçalves, 2006) que permite a avaliação de atitudes e crenças relativas à violência física e psicológica nas relações conjugais, mede o grau de legitimação/tolerância em relação à violência conjugal e os fatores ou crenças específicas que contribuem para a sua legitimação. É composta por 25 fatores e, posteriormente, analisada com base em quatro fatores de legitimação da violência. Para a investigação (Czuba, 2015) foi necessário proceder à exclusão do item 25 desta mesma escala, assim como, modificar outros para que existissem o máximo de concordância relativamente aos papéis de género. Por último, foi utilizado o Inventário de Violência Conjugal (Machado, Matos e Gonçalves, 2006), que determina a prevalência dos atos de violência perpetrados e sofridos por parte dos parceiros amoroso e a frequência com que os mesmos ocorrem, possibilitando a identificação dos participantes como vítimas e não-vítimas. É composto por vinte e um item, sendo a avaliação deste inventário realizada item a item. No estudo de Papp e colaboradores (2016) foram utilizados quatro instrumentos quantitativos, o *Romantic Beliefs Scale* (Sprecher & Melts, 1989), com o objetivo de estudar a ideologia do romantismo, constituído por quinze itens, o *Conformity to Feminin Norms Inventory* (Mahalik et. al, 2005), utilizado para avaliar até que

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

ponto os participantes valorizam os relacionamentos românticos, constituído por nove itens, o *The Mate Retention Inventory* (Buss, 1988), concebido para avaliar as crenças dos participantes sobre o lado bom dos ciúmes nos relacionamentos românticos, e o *Abusive Behaviour Inventory* (Shepard & Campbell, 1992), que foi utilizado para perguntar sobre as experiências dos nossos participantes dentro do seu relacionamento. Por outro lado, no estudo de Perez-Jimenez, Rodríguez-Medina e Rodríguez-León (2017), foi utilizado um questionário sociodemográfico, com o objetivo de caracterizar o participante ao nível do sexo, da idade, do estado civil, do nível de escolaridade, da profissão e da religião. Assim como, um guião de entrevista semiestruturado, com 24 questões relacionadas com atitudes e fatores sobre violência entre parceiros íntimos e sobre as medidas que precisam de ser tomadas pelos indivíduos e pelo governo, para abordar esta questão.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Tabela 1

Caracterização dos estudos empíricos

Autores/as e ano	País de Estudo	Tipo de Estudo	Amostra	Recrutamento	Instrumentos	Resultados
Czuba, 2015	Portugal	Quantitativo	$n=131$ indivíduos homossexuais e /ou bissexuais entre os 18 e os 48 anos ($M=25.8$; $DP=5.61$)	Inquérito usando o software <i>Qualtrics Research Suite</i> ; Divulgado pelas redes sociais e email entre 16.05.15 e 12.09.15;	Inventário de Violência Conjugal; Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; Escala de Amor Apaixonado; Escala Revista de Ajustamento Diádico;	Crenças como fatores de risco para a perpetração e/ou aceitação da violência no seio das relações íntimas; Os homens apresentam maior legitimação de violência nos relacionamentos íntimos do que as mulheres.
Papp, Liss, Erchull, Godfrey & Waaland-Kreutzer, 2016	Estados Unidos da América	Quantitativo	$n=275$ mulheres heterossexuais idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos ($M=30,26$; $DP=7,92$)	Amostra recrutada através do Amazon Mechanical Turk (MTurk); Critérios de inclusão: mulher, >18 anos e viver nos EUA; 25\$ Como recompensa;	Romantic Beliefs Scale; Conformity to Feminin Norms Inventory; The Mate Retention Inventory; Abusive Behaviour Inventory;	Crenças como fatores de risco para a perpetração e/ou aceitação da violência no seio das relações íntimas; Somente a presença de crenças românticas não prediz comportamentos violentos, mas sim, apenas, quando combinadas com comportamentos e ideologias de ciúme;
Perez-Jimenez, Rodríguez-Medina & Rodríguez-León, 2017	Porto Rico	Qualitativo	$n=20$ indivíduos heterossexuais idades compreendidas entre os 21 e os 29 anos.	Entrevistas semi-estruturadas, entre 10.11 e 12.11 no Instituto de Psicologia da Universidade de Porto Rico; Amostra recrutada através da rede social <i>facebook</i> e dos classificados online; 40\$ Como recompensa;	Questionário sociodemográfico; Guião de entrevista semiestruturado;	Crenças como preditores para a perpetração e/ou aceitação da violência no seio das relações íntimas; Ideologia patriarcal de que os homens têm uma genética que prediz comportamentos violentos; As mulheres, apresentam-se como inferiores intelectualmente, emocionalmente e fisicamente em relação aos homens.

Principais resultados e conclusões

Crenças sobre os Comportamentos Violentos

É possível, após a análise realizada aos três artigos em estudo, afirmar que todos atestam que as distorções cognitivas (Czuba, 2015) e as crenças legitimadoras da violência emergem sobre os sujeitos, e surgem como fatores de risco ou preditores (Perez-Jimenez et al., 2017) para a interpretação e/ou aceitação de comportamentos violentos no seio das relações íntimas (Czuba, 2015; Papp, et al., 2016; Perez-Jimenez, et al., 2017). Contudo Papp e colaboradores (2016), no estudo desenvolvido, formulam, de entre outras, a seguinte hipótese: “existe uma relação indireta (ou seja, quando uma variável aumenta a outra diminui) entre as crenças românticas e as experiências de violência nas relações íntimas entre parceiros, a nível físico e psicológico, tendo corroborado a hipótese em estudo. Segundo o estudo de Papp e colaboradores (2016) as crenças sobre a violência, chamadas de crenças românticas, pelos autores, caracterizam-se pela existência de ideias pré-concebidas, por parte dos indivíduos, como “*love at first sight*” ou “*there is only one true love*” ou “*love conquers all*”. Neste pressuposto os homens são retratados como heróis, representando deste modo, a relação como um conto de fadas. Tendo concluído, ainda, que defender a ideologia do romantismo, valorizar em demasia os relacionamentos amorosos e acreditar que o ciúme numa relação íntima é saudável e bom, predizem a presença de comportamentos violentos, justificados pelos ofensores através das ideologias referidas anteriormente. Porém, os autores concluíram que somente a presença de crenças românticas não prediz comportamentos violentos, mas sim, apenas, quando combinadas com comportamentos e ideologias de ciúme. Estes estão diretamente relacionados com questões de controlo romântico, e essa construção, por sua vez, está relacionada com relatos de experiências de violência nos relacionamentos íntimos, tendo em conta a amostra em estudo (Papp, et al., 2016).

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Perez-Jimenez e colaboradores (2017) concluíram que as principais crenças manifestadas pelos participantes do estudo, se centram maioritariamente na ideologia patriarcal de que os homens têm uma genética que prediz comportamentos violentos, assim como, as mulheres, que se apresentam como inferiores intelectualmente, emocionalmente e fisicamente em relação aos homens.

Crenças legitimadoras da violência na população homossexual

Na amostra do estudo de Czuba (2015) foi possível observar diferenças significativas relativamente à presença de crenças em casais homossexuais masculinos e femininos, ou seja, entre homens e mulheres, uma vez que os homens apresentam maior legitimação de violência nos relacionamentos íntimos do que as mulheres. Todavia, os valores obtidos foram reduzidos, não possibilitando uma generalização do resultado. Relativamente à satisfação da relação amorosa, foi possível determinar que uma elevada prevalência de violência sofrida pelo parceiro, está associada a um nível de satisfação inferior. No que concerne ao ajustamento diádico, que é definido como um processo ou avaliação qualitativa de um estado, neste caso da relação amorosa, tanto os casais homossexuais masculinos como femininos apresentam um elevado ajustamento, contudo, as mulheres apresentam um maior ajustamento face aos homens. Relativamente à coesão da relação amorosa apresentada pelos participantes, é possível afirmar que os casais homossexuais femininos apresentam níveis superiores de coesão comparativamente aos casais homossexuais masculinos. Um outro objetivo primordial do estudo de Czuba (2015), assim como no presente estudo, foi verificar a manifestação das crenças nos comportamentos violentos. Para tal, autora analisou a relação existente entre a legitimação da violência e o índice de violência, concluindo que a legitimação e banalização da pequena violência está associada a índices elevados de comportamentos violentos, que a legitimação pela conduta do (a) parceiro(a) está associada a baixos níveis de violência nas relações íntimas. Esta conclusão era expectável visto que não se verifica qualquer associação

entre a atribuição da violência a causa externas e ao índice de comportamentos violentos. Assume-se por isso que a variável que melhor explica o elevado índice de comportamentos violentos é a legitimação e a banalização da pequena violência.

Relativamente à prevalência de violência nas relações românticas e à legitimação desta, surgem associadas as normas tradicionais e os papéis de género (Czuba, 2015; Papp et. al, 2016; Perez-Jimenez et. al, 2017).

Atribuição de justificações aos comportamentos violentos

Segundo o estudo de Perez-Jimenez e colaboradores (2017), a maioria da amostra afirma que não existe necessidade de “gritar” com o parceiro, entendida como pequena violência no estudo de Czuba (2015), uma vez que este comportamento ocorre quando os seus parceiros estão zangados, a tentar comunicar ou a impor uma opinião. Perez-Jimenez e colaboradores afirmam que são fatores como a falta de paciência, a frustração e a falta de educação que levam a este tipo de comportamento (e.g. “gritar” com o parceiro). Contudo, uma parte menor da amostra defende que este tipo de comportamento é preditor de comportamentos violentos, não o concebendo como justificação para a perpetuação deste tipo de comportamentos (Perez-Jimenez, et al., 2017).

Todavia os autores afirmam, ainda, que não está certo proibir o seu parceiro de fazer algo, sugerindo alternativas para que tal comportamento não aconteça. Contudo, os mesmos participantes referem que há circunstâncias em que é aceitável esta proibição acontecer, quando os motivos que a levam a acontecer impeçam algo ilegal, prejudicial ou arriscado para o parceiro. Ainda assim, afirmam que existem certas decisões que apenas um membro do casal toma, porque ele ou ela tem mais conhecimento sobre a matéria em causa. Já no estudo de Papp e colaboradores (2016) a atribuição de romantismo aos comportamentos de controlo encontra-se diretamente relacionado com a existência de comportamentos violentos físicos e psicológicos, sendo a atribuição de romantismo aos atos perpetrados uma

justificação para menosprezar/validar o comportamento apresentado (Perez-Jimenez, et al., 2017).

Czuba (2015) defende que estudar a violência nas relações íntimas em homossexuais é importante quer para o combate da minimização marcada no presente, quer para o desenvolvimento e promoção de respostas adaptadas também para esta população. Assim como, a elevada importância em ensinar aos jovens as estratégias que estes necessitam para que nas suas relações de intimidade não exista a prática de comportamentos violentos (Perez-Jimenez, et al., 2017).

Ideologia Tradicional, Igualdade de Direitos, Papel do Homem e da Mulher

Perez-Jimenez e colaboradores (2017) afirmam que os homens são mais violentos por duas razões, fatores biológicos (e.g. testosterona) e o machismo. Defendem que os indivíduos do sexo masculino são mais explosivos, sendo conseqüentemente menos pacientes, recorrendo à violência para resolver os problemas. No seu estudo os autores demonstram que apenas um participante do sexo masculino concordou com a afirmação feita anteriormente. As participantes do sexo feminino afirmam que a perda de controlo dos homens é apenas uma desculpa dos indivíduos do sexo masculino para os comportamentos violentos que praticam (Perez-Jimenez, et al., 2017).

No mesmo estudo, a maioria da amostra defende que os homens e as mulheres devem ter os mesmos direitos (e.g. família, sociedade e legais). Tanto os participantes do sexo masculino como do sexo feminino fizeram menção à lei da violência doméstica, referindo que a mesma protege mais as mulheres do que os homens, argumentando que a mesma devia ser imparcial e igual para ambos os sexos, neste caso demonstrando maior proteção sobre o sexo masculino. Por outro lado, defendem que as mulheres não devem obedecer aos homens, qualquer que seja a circunstância, e que ambos devem ser igualmente obedientes. Contudo, parte dos participantes afirma que a sociedade tem conceções pré-definidas como “é o que

ganha mais dinheiro é quem toma as decisões”; “mantém a casa”; “trabalha”; “traz comida para casa”, assim como que o papel da mulher surge ligado às tarefas domésticas, como cozinhar, limpar e tomar conta das crianças, considerando-as mais delicadas (Perez-Jimenez, et al., 2017).

Segundo o estudo de Papp e colaboradores (2016), existem evidências de que os homens e mulheres que defendem normas tradicionais de feminidade e masculinidade podem ter ligações mais fortes entre o romance, o ciúme, o controlo e a violência.

Apesar da amostra do estudo de Czuba (2015) ser predominantemente diferente da dos dois estudos referidos acima, a autora vai ao encontro do referido anteriormente, afirmando que as crenças associadas aos papéis de género, podem estar presentes nos pares homossexuais, uma vez que as normas masculinas tradicionais (e.g. agressividade, supressão de vulnerabilidade emocional) se consideram um grande preditor para a passagem ao ato de comportamentos violentos, tendo sido verificadas no estudo.

Discussão

Após a análise realizada é possível verificar que as amostras dos três estudos empíricos são bastante diferentes. Uma vez que em dois estudos as amostras são compostas por indivíduos heterossexuais (Papp, et al., 2016; Perez-Jimenez, et al., 2017) e no outro estudo apenas por indivíduos homossexuais (Czuba, 2015). Dentro dos estudos com indivíduos heterossexuais há uma grande diferença quer no tamanho da amostra quer no tipo de estudo realizado. Não obstante às diferenças que são possíveis de verificar sem análises pormenorizadas, importa realçar que os três estudos se focam em objetivos semelhantes, verificar a relação entre a existência de crenças sobre a violência nas relações íntimas e os comportamentos violentos existentes, tendo obtido conclusões semelhantes.

Apesar das semelhanças, cada um dos artigos analisados apresentava diversas particularidades, especialmente o estudo de Czuba (2015), o que levou a uma das maiores

dificuldades sentidas, criar tópicos comuns aos três artigos, uma vez que apesar de todos se debruçarem no estudo das crenças sobre a violência em relações íntimas, o estudo de Papp e colaboradores (2016) utilizou termos específicos como, crenças românticas.

Uma das principais diferenças que se pode observar após a análise dos artigos em estudo é que, enquanto que, no estudo de Czuba (2015) e Perez-Jimenez e colaboradores (2017), o objetivo primordial passa por verificar a relação existente entre as crenças e a violência praticada nas relações íntimas, concluindo, de forma geral, que aquando da existência das mesmas, a prática de comportamentos violentos é maior. Já no estudo de Papp e colaboradores (2016) o objetivo primordial recai na existência de uma relação indireta entre a existência de crenças românticas e a prática de comportamentos violentos.

Por último, é importante referir algumas limitações e dificuldades do presente estudo. A principal dificuldade deve-se à falta de investigações e estudos sobre a temática escolhida, como tal, a definição dos critérios de inclusão e exclusão, previamente definidos, podem ter sido influenciados pela falta de investigações, levando a que tenham ficado excluídos alguns estudos importantes. Como já tem sido referido, grande parte da informação relacionada com tema em análise, provém de estudos relacionados com a violência nas relações íntimas em indivíduos do mesmo sexo, não obrigatoriamente focados nas crenças sobre essa mesma violência, mas sim sobre a vitimação e perpretação dessa violência. Desta forma, devido à pouca informação existente, tornou-se difícil responder, de forma completa, à questão de investigação proposta, isto se consideramos apenas a existência de um artigo para a população em estudo.

Contudo, é possível afirmar que a pesquisa efetuada mostra a inexistência de investigações sobre as crenças da violência nas relações íntimas, principalmente no que concerne à população homossexual.

Considerações Finais

Em Portugal, e também internacionalmente, é notória a reduzida existência de estudos relacionados com as crenças sobre a violência nas relações íntimas entre indivíduos do mesmo sexo, uma vez que os estudos existentes manifestam especial enfoque na vitimação e perpetração da violência, arriscamo-nos a afirmar que não existe nenhum estudo que se foque essencialmente nas crenças sobre a violência nas relações íntimas, especialmente de natureza qualitativa.

Existe um estudo, segundo a pesquisa realizada, de Czuba (2015) que aborda as crenças nas relações íntimas em casais homossexuais. Contudo relaciona-as com diversas variáveis e, utiliza como instrumento a Escala de Crenças da Violência Conjugal, conhecida na gíria por ECVC, instrumento concebido para a avaliação das crenças sobre a violência conjugal em indivíduos heterossexuais.

Como tal, consideramos pertinente que se desenvolva mais estudos e investigações nesta área. Principalmente estudos que se debrucem sobre as crenças da violência nas relações íntimas existentes por parte da comunidade homossexual, da sociedade, dos profissionais da área da temática da violência doméstica, dos profissionais da área da saúde, entre outras populações. O importante é aumentar o conhecimento da população em geral sobre esta temática, evitando situações de discriminação para com esta população e, possibilitando a criação de estratégias de combate e prevenção à violência nas relações íntimas sobre a população homossexual.

Referências

- Andrade, A. L. & Garcia, A. (2009). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos – Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (4), 634 – 643.
- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167–187.
- Banks, J. R., & Fedewa, A. L. (2012). Counselors' attitudes toward domestic violence in same-sex versus opposite-sex relationships. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 40, 194-205. DOI: 10.1002/j.2161-1912.2012.00017.x
- Czuba, J. N. S. (2015). *Violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais*. (Tese de mestrado não publicada). Ispa, Lisboa.
- Diniz, F. M. N., Lopes, M. L. R., Gesteira, M. S., Alves, B. L. S., & Gomes, P. N. (2003). Violência conjugal: Vivências expressas em discursos masculinos. *Revista Escolar Enfermagem USP*, 37 (2), 81-8.
- González-Ortega, I., Echeburúa, E., & Corral, P., (2008). Variables significativas em las relaciones violentas em parejas jóvenes: Uma revisión. *Behavioral Psychology*, 16(2), 207-225.
- Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J., Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L., (2016). The dark side of heterosexual romance: Endorsement of romantic beliefs relates to intimate partner violence. *Sex Roles*, 76, 99–109. DOI 10.1007/s11199-016-0668-0
- Perez-Jimenez, D., Rodríguez-Medina, S. M., & Rodríguez-León, F. J., (2017). Beliefs and attitudes toward intimate partner violence in a group of young puerto ricans. *The Qualitative Report*, 22(7), 2048-2065.

Artigo 2

Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais

Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais: Um estudo empírico

Maria M. Paes de Carvalho, Ana I. Sani, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, & Instituto Superior de Ciências da Saúde

Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal

Resumo

Foi no ano de 2005 que se deu início ao estudo sobre a violência íntima em indivíduos homossexuais, através do estudo exploratório de Antunes e Machado. Desde essa altura, têm sido vários os estudos sobre esta população, principalmente sobre a prevalência e a caracterização das especificidades da violência praticada nesta população (e.g. outing). Tradicionalmente o conceito de homossexualidade designava-se por ser um desvio à norma, ou até mesmo uma doença a nível psiquiátrico. Hoje em dia, esta ideia tem vindo a neutralizar-se, contudo a homossexualidade continua a ser alvo de discriminação e preconceito. Usando uma metodologia qualitativa, pretendeu-se compreender quais as crenças sobre a violência íntima em indivíduos homossexuais e, de que forma estas se manifestam. Através da análise de conteúdo das entrevistas realizadas a onze participantes (quatro do sexo feminino e sete do sexo masculino), foram encontradas cinco categorias principais: perceção da violência e as suas manifestações; violência nas relações de intimidade e as suas justificações; outing; resolução de conflitos na relação íntima; o apoio e a perspetiva da sociedade. Concluiu-se que as principais crenças demonstradas pelos participantes em estudo recaem na legitimação e banalização da pequena violência e na ideologia tradicional do papel do homem e da mulher.

Palavras-chave: violência nas relações íntimas; crenças; homossexual; heterossexual;

Abstract

It was in the year of 2005 that the study on the intimate violence in homosexual individuals began, through the exploratory study of Antunes and Machado. Since then, there have been several studies on this population, mainly on the prevalence and characterization of the specificities of violence practiced in this population (eg outing). Traditionally the concept of homosexuality was designated as a deviation from the norm, or even a psychiatric illness. Nowadays, this idea has been neutralized, but homosexuality continues to be the target of discrimination and prejudice. Using a qualitative methodology, it was intended to understand which beliefs about intimate violence in homosexual individuals and how they manifest themselves. Through the content analysis of the interviews conducted to eleven participants (four females and seven males), five main categories were found: perception of violence and its manifestations; violence in intimate relationships and their justifications; outing; conflict resolution in intimate relationship; the support and perspective of society. It was concluded that the main beliefs demonstrated by the study participants lie in the legitimacy and banalization of small violence and in the traditional ideology of the role of men and women.

Key-words: intimate partner violence; beliefs; homosexual; heterosexual;

Introdução

A violência conjugal é caracterizada como sendo uma das principais ameaças que afeta todos os membros do seio familiar, sobretudo a saúde dos indivíduos do sexo feminino (Coelho, 2005; Rosa, Boing, & Buchele, 2008). Muitas vezes é referida como a violência que existe nos relacionamentos ou maus-tratos sobre a mulher. Este tipo de violência engloba vários tipos, física, psicológica, sexual, entre outras. É caracterizada como sendo a tentativa ou ameaça de violência perpetrada por um homem ou por uma mulher sobre o seu cônjuge ou ex-cônjuge ou alguém com quem esteve ou está envolvido intimamente, ou seja, consideramos a existência de violência conjugal mesmo quando os companheiros não se encontram legalmente casados, comumente designamos a mesma como violência nas relações íntimas (Alves & Diniz, 2005; Almeida & Soeiro, 2010; Cabral, 1999; Coelho, 2005; Cortez & Souza, 2008; Diniz, Lopes, Gesteira, Alves, & Gomes, 2003; Rifiotis, 2008; Rosa et al., 2008).

O Código Penal Português, artigo 152 e 152A (Lei n.º 112/2009, de 16 de Setembro) define violência doméstica como, “Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: a) ao cônjuge ou ex-cônjuge; b) a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) a progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou d) a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite”.

É necessário ter em conta que este tipo de violência não existe apenas em casais heterossexuais, mas também em casais homossexuais, sendo conhecida como violência nas relações íntimas, termo que será utilizado no presente artigo.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Tradicionalmente o conceito de homossexualidade designava-se por ser um desvio à norma, ou até mesmo uma doença a nível psiquiátrico. Hoje em dia, esta ideia tem vindo a neutralizar-se, contudo a homossexualidade continua a ser alvo de discriminação e preconceito. Existem ainda, muito poucos estudos que relacionam a violência nas relações íntimas em casais homossexuais, pois como já referido, o tema da homossexualidade ainda é visto com algum preconceito (Costa, Machado, & Antunes, 2011; Dinis & Cavalcanti, 2008; Gelles, 1997; Nunan, 2004, 2010).

Apesar de existirem várias semelhanças entre casais heterossexuais e homossexuais, em relação a este tipo de violência, como por exemplo, o uso de violência física, psicológica e sexual, existem também diferenças. Uma dessas diferenças passa por um tipo de violência, que se caracteriza por ser uma das formas específicas de abuso emocional característico das relações homossexuais – o *outing* ou ameaça de *outing*. Este fenómeno caracteriza-se por ser uma estratégia de controlo e intimidação, que tem como principal objetivo a revelação ou a ameaça de revelação da orientação sexual do parceiro. O impacto na vítima pode, por vezes, ser de grandes dimensões, como por exemplo, a perda de emprego, o abandono por parte de familiares e amigos, depressão, ódio por si mesmo, ansiedade, queixas somáticas, frustração, sentimentos de solidão, desconfiança, entre outras (Costa et al., 2011; Gelles, 1997; Nunan, 2004; Nunan, 2010).

Com isto, é importante salientar, que existem vários motivos pelo qual a vítima não abandona a relação, tais como – o reforço da visão negativa e hostil que a família tem sobre a homossexualidade; a falta de apoio da família; porque a família não sabe da sua orientação sexual, ou porque, apesar de o saber desaprova a sua homossexualidade; o medo de serem postos de parte pelos membros da comunidade homossexual; a perda financeira substancial, que poderá ser, ou não, recuperada através de ações legais e o estigma associado à

homossexualidade e os comportamentos homofóbicos constroem as últimas a falar publicamente sobre a sua vitimização (Costa et al., 2011; Gelles, 1997; Nunan, 2004, 2010).

A violência nas relações íntimas pode ser resposta, ou pode ser consequência de diversos fatores, tais como, situações de divórcio, problemas a nível financeiro, famílias desestruturadas, entre outras. Existem autores, como por exemplo Alves & Dinis (2005), que referem que o medo, as diferenças entre os papéis de género e o abuso de substâncias, também podem ser fatores que explicam a prevalência desta violência. Contudo, existem justificações que explicam a existência da violência conjugal, entre estas explicações, encontram-se as externas (justificam que a violência conjugal pode advir de problemas financeiros ou por consumos de substâncias por parte do agressor) e as internas (justificam que a violência conjugal pode advir de problemas de personalidade do agressor, do ciúme, da história familiar e das crenças dos indivíduos) (Cortez & Souza, 2008).

Para podermos falar de crenças, sejam elas referentes à violência ou não, precisamos, primeiramente, de falar sobre as distorções cognitivas (Couto, 2013). O termo de distorções cognitivas foi inicialmente utilizado por Beck (1979) com o objetivo de descrever o conteúdo idiossincrático indicativo de conceptualizações distorcidas ou irrealistas (Couto, 2013). De acordo com o autor acima mencionado a definição de cognição centra-se num conjunto de processos que incluem a atenção, a memória, a perceção, a interpretação, a produção e a compreensão da linguagem, a aprendizagem e a capacidade de tomar decisões. Logo, podemos considerar que a cognição é o processo que facilita a sistematização da informação apreendida, assim como das respostas produzidas. Assim, o conteúdo cognitivo remete para os pensamentos básicos e elementares que os indivíduos têm sobre si e sobre os outros, levando a que os indivíduos assimilem todos os estímulos presentes no seu quotidiano, codifiquem a informação que é transmitida pelo meio social em representações mentais na

memória a fim de serem utilizadas imediatamente ou a longo prazo e recuperem as informações da memória para processos cognitivos futuros (Couto, 2013; Fernandes, 2014).

A distorção, tal como o nome indica, remete-nos para uma alteração da forma original, ou seja, uma modificação no aspeto real de um dado objeto. Deste modo, podemos considerar como uma distorção cognitiva uma cognição que não consiste na verdade, ou seja, um processamento de um conteúdo cognitivo realizado de modo erróneo ou falso (Couto, 2013; Fernandes, 2014). Uma vez que as interpretações que os indivíduos fazem das experiências que vivenciam, manifestam um impacto nas consequências emocionais e comportamentais dos mesmos, é provável que se a interpretação for negativa ou desajustada da realidade, possa originar consequências negativas. Uma vez que do resultado de uma distorção cognitiva podem resultar ofensas ou comportamentos violentos, as mesmas são consideradas por vários autores como um fator de risco nas relações de intimidade, e não só (e.g. comportamentos antissociais). Contudo, é importante referir que as distorções cognitivas não são manifestadas exclusivamente pela existência de episódios violentos (Couto, 2013; Fernandes, 2014).

Vários autores consideram que as distorções cognitivas estão relacionadas com os comportamentos violentos nas relações de intimidade, devido às crenças legitimadoras da violência nas relações de intimidade. Deste modo, ao invés de considerarmos as distorções cognitivas como fator de risco para o comportamento violento nas relações de intimidade, devemos antes, considerá-las como um processo catalisador do surgimento de crenças legitimadoras da violência nas relações de intimidade, o que nos leva a assumir uma relação predominante entre os dois conceitos (Couto, 2013; Fernandes, 2014).

Toda a violência que existe na nossa sociedade é enraizada numa diversidade de componentes, como os mitos, as crenças, as perceções, as justificações e as explicações, o que leva a que as coisas pareçam, ou sejam interpretadas, como algo que não são realmente. Como tal podemos admitir que existem crenças que estão enraizadas na sociedade

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

portuguesa, por exemplo o tradicional papel da mulher na família. As crenças mais conservadoras sobre os papéis de homem e de mulher estão relacionadas com a tendência dos homens para usar a violência e culpar as mulheres pela violência sofrida, e das mulheres para justificar, ou pelo menos desculpar os comportamentos (Fernandes, 2014).

As crenças manifestadas pelo ser humano têm origem na sua infância, sendo consequência das percepções que este realiza ao longo da sua vida, através das interações com o meio e das representações sociais a que foi exposto. É no seio da família que o indivíduo desenvolve e constrói o seu sistema de valores, as suas atitudes e as crenças, que se reportam aos aspetos mais importantes da sua vida (Czuba, 2015; Fernandes, 2014).

Beck (1997 citado por Correia, 2013), sugere que o conceito de crença, apesar de ter grande importância, é difícil de quantificar e até mesmo de medir, uma vez que as mesmas estão associadas diretamente ao indivíduo e ao seu carácter. Contudo é possível afirmar que a forma como selecionamos e interpretamos a informação exterior que nos é disponibilizada é influenciada pelas atitudes e pelas crenças que nos estão subjacentes.

Desta forma e, considerando os constructos teóricos e os estudos apresentados anteriormente, propusemo-nos a realizar a presente investigação empírica com objetivo de explorar as crenças sobre a violência praticada nas relações íntimas em indivíduos homossexuais e/ou bissexuais, assim como, a forma como as mesmas se manifestam.

Método

Participantes

A amostra em estudo foi composta por onze indivíduos (cf. Tabela 1), quatro mulheres e sete homens, com idades compreendidas entre os 26 e os 37 anos, com uma média de 30,363 ($DP=0,534$). Relativamente às habilitações literárias, o grau mais baixo entre os participantes é o 3º ciclo (7º ao 9º ano) e o mais alto o Mestrado, sendo este último o predominante na amostra de participantes. Quanto ao local de residência, a maioria da amostra ($n=9$) reside em Lisboa, sendo que os restantes participantes ($n=2$) residem em Oeiras. No que concerne ao estado civil oito dos participantes são solteiros e três encontram-se em união de facto. Relativamente à relação amorosa, oito dos participantes encontram-se, atualmente, numa relação amorosa. Quanto à orientação sexual, sete participantes identificam-se como gay, três como bissexuais e um como lésbica.

Dos onze participantes em estudo, sete referiram já ter experienciado violência nas suas relações de intimidade, sendo que três destes sete participantes experienciaram-na em relações heterossexuais.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes em estudo

Entrevistado	Sexo	Idade	Localidade	Habilitações Literárias	Profissão	Estado Civil	Relação Amorosa	Orientação Sexual
E1	Masculino	31	Lisboa	Ensino Secundário	Designer de Jóias	Solteiro	Sim	Gay
E2	Masculino	29	Lisboa	Mestrado	Gestor	Solteiro	Sim	Gay
E3	Masculino	31	Lisboa	3º Ciclo	Assistente de Back/Front Office	Solteiro	Sim	Gay
E4	Feminino	29	Lisboa	Mestrado	Jornalista	União de Facto	Sim	Bissexual
E5	Feminino	29	Lisboa	Licenciatura	Economista	União de Facto	Sim	Bissexual
E6	Masculino	32	Lisboa	Licenciatura	Economista	Solteiro	Não	Gay
E7	Feminino	37	Oeiras	Mestrado	Jornalista	Solteiro	Sim	Bissexual
E8	Feminino	30	Oeiras	Mestrado	Economista	Solteiro	Sim	Lésbica
E9	Masculino	29	Lisboa	Ensino Secundário	Empresário	Solteiro	Não	Gay
E10	Masculino	26	Lisboa	Mestrado	Consultor	Solteiro	Não	Gay
E11	Masculino	31	Lisboa	Licenciatura	Advogado	União de Facto	Sim	Gay

Instrumento

Para a recolha de dados recorreu-se ao método do inquérito, suportado pela técnica da entrevista. A construção do instrumento teve como base a realização de uma pesquisa da literatura existente, assim como a realização da revisão sistemática anteriormente apresentada. Deste modo foi construído um guião de entrevista inicial, submetido a um estudo piloto, de onde resultou o guião de entrevista final. O instrumento consiste num guião de entrevista semiestruturado, desenvolvido propositadamente para a presente investigação. Este é composto por um conjunto de dezoito questões de resposta aberta, relacionadas com a violência nas relações íntimas e com as experiências dos participantes (cf. Anexo A). O instrumento foi concebido com o objetivo de aferir o conhecimento do fenómeno por parte do participante, a existência de crenças que normalizam e banalizam a pequena violência (e.g. bofetadas, insultos), a legitimação da violência através de uma conduta errónea (e.g. faltar aos “deveres”; ser infiel), a legitimação da violência pelo apelo ao conceito de privacidade,

percecionando se o participante partilharia a existência de violência com terceiros, a experiência deste fenómeno (vitimação e perpetração do fenómeno) e, por último verificar o conhecimento/a percepção sob o apoio formal/informal existentes.

Procedimento

Inicialmente, presente estudo foi submetido para apreciação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Após parecer favorável (cf. Anexo B) foram contactadas diversas associações LGBT, nomeadamente, a Associação ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero”, entre outras instituições, que aceitaram colaborar na presente investigação, auxiliando na divulgação do estudo. Para além da divulgação realizada pelas instituições, grande parte da mesma, deveu-se à partilha do estudo em redes sociais, como o *Facebook*. Recorrendo à técnica de *Snowballing*, solicitou-se a todas as pessoas que tivessem conhecimento do estudo e, principalmente, aos participantes que o divulgassem o estudo junto dos seus contactos.

Para a divulgação do estudo foi criado um formulário na plataforma *online* – *Google Forms* – (cf. Anexo C), onde estavam explicados os objetivos da investigação, quais as condições necessárias para que cada pessoa pudesse participar no estudo (“Para participar no estudo é necessário que tenha como orientação sexual, a homossexualidade e/ou a bissexualidade, e ser maior de 18 anos.”) e como se iria proceder com a investigação. Com o objetivo de agilizar e minimizar o tempo de entrevista, o formulário compreendia, também, um pequeno questionário sociodemográfico (idade, sexo, localidade, habilitações literárias, profissão, estado civil, relação amorosa e orientação sexual), assim como, um espaço próprio para os participantes colocarem o seu email, a fim de ser possível contactá-los posteriormente. Para se contactar os participantes, foi criada uma conta de email propositadamente para esta investigação, sendo, assim, possível salvaguardar a confidencialidade dos dados dos participantes.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

No início de cada entrevista, foi explicado a cada participante os objetivos do estudo, os princípios orientadores da investigação, com base no Código Ético e Deontológico dos Psicólogos, como a confidencialidade, o anonimato e a privacidade. Foram, por ventura, esclarecidas algumas dúvidas que parte dos participantes colocou sobre a presente investigação. Após o esclarecimento acima mencionado, solicitou-se a cada participante que assinasse um consentimento informado, que foi lido e explicado pela investigadora e, posteriormente lido pelo participante, sendo esclarecidas dúvidas que possam ter surgido.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, nos dias e horas acordados por ambas as partes, tendo em apreço a disponibilidade do participante, num local confortável onde estiveram reunidas as condições necessárias de segurança da informação, de iluminação, de sonorização do local (e.g. ausência de ruídos) e outros fatores passíveis de distração, escolhidas por cada participante.

Existia ainda, como referido no protocolo de investigação submetido à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, a possibilidade de realizar as entrevistas através do *Skype*, no entanto, essa necessidade nunca se verificou. Como tal, não foi realizada qualquer entrevista através desse método.

As entrevistas realizadas foram registadas em formato áudio, através de um gravador e, posteriormente foram transcritas para que se pudesse realizar a análise de conteúdo desejada.

Certificou-se a todos os participantes que os registos-áudio e em papel, realizados durante a investigação, seriam destruídos no final da presente investigação. Assim como, que não seriam partilhados ou divulgados ou utilizados para outro propósito qualquer um dos dados recolhidos. Todos os participantes foram informados que poderiam desistir da presente investigação em qualquer momento da mesma, sem que disso tenha resultado qualquer prejuízo pessoal para os participantes. No final de todas as entrevistas era perguntado a cada participante se queria acrescentar alguma informação ou, simplesmente, se tinha algo a dizer.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

As entrevistas foram realizadas entre o dia 06 de Maio e o dia 16 de outubro de 2017.

Para proceder à análise dos dados recolhidos (entrevista) recorreu-se à técnica de análise de conteúdo. Deste modo, realizou-se a codificação dos dados recolhidos (e.g. subcategorias). Posteriormente os códigos foram reagrupados e surgiram cinco categorias principais: Perceção da violência e as suas manifestações; Violência nas relações de intimidade e as suas justificações; Outing; Resolução de conflitos na relação íntima; O apoio e a perspetiva da sociedade (cf. Anexo D).

Com o objetivo de certificar a congruência das categorias, procurou-se, nas entrevistas, excertos que pudessem ilustrar cada uma dessas mesmas categorias, a fim de demonstrar os resultados obtidos.

Resultados

De seguida serão apresentados os resultados qualitativos obtidos através da análise de conteúdo realizada. Estes serão apresentados através das categorias de análise como a percepção da violência e as suas manifestações, onde é possível observar o conhecimento do fenómeno por parte dos participantes, a violência nas relações de intimidade e as suas justificações, onde são apresentadas as experiências de vitimação e perpetração do fenómeno por parte dos participantes, o outing, a forma como são resolvidos os conflitos na relação íntima e, o apoio e a perspectiva da sociedade na visão dos participantes em estudo.

Percepção da violência e as suas manifestações

Ao longo das entrevistas, perguntou-se aos participantes o que entendiam por violência nas relações íntimas, com o objetivo de verificar se estes conheciam o conceito em estudo e, de forma a ser possível perceber o que para os mesmos é a violência e as suas manifestações (e.g. tipo de comportamentos). Após a análise das entrevistas dos onze participantes, foi possível compreender que quase todos percecionavam a violência da mesma forma, ou seja, todos consideraram que a violência nas relações íntimas consiste na perpetração de violência física (e.g. bater) e de violência psicológica (e.g. humilhar) assim como a maneira como a mesma se manifesta:

“Violência nas relações íntimas pode ter duas vertentes que eu acho que se interligam que é a vertente física, portanto a agressão explícita (...), e no fundo a violência psicológica, acaba por ser... pode ter ali a vertente de manipulação e pode ter ali uma vertente de rebaixamento de agressão, tentar que a pessoa perca a sua autoestima, um bocado nessa vertente. Olha eu acho que a violência ... pode assumir muitas.... Há muitas formas, não é? Porque a violência tá sempre, sempre muito conotada à parte física como te estava a dizer ao início, ... e hoje

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

em dia, mais hoje em dia, pode assumir muitas formas: pode assumir a forma de ... tu tentares, tentares numa relação que a pessoa se sinta inferior p'atar cada vez mais dependente e eu noto, enfim, casos de uma relação passada que já tive e casos de amigos ... muito esse perfil ... e eu acho que isso é claramente um caso de violência, tentares minimizar a pessoa, fazer com que a pessoa se sinta (...) ah pá ... que não tenha, que sinta que tá que no fundo é quase uma sorte tar naquela relação e portanto que tens mesmo que que um bocado que te rebaixar e sujeitar aos comportamentos da outra pessoa hum a parte toda de ahh de teres que ter um determinado tipo de comportamentos, não poderes ahhh, não aceitarem os teus gostos, não aceitarem a forma como tu fazes algo, pá as vezes tão simples como o tipo de programas que queres ver pá coisas as vezes muito muito muito corriqueiras muito básicas e eu acho que a violência forma-se muito nesse sentido, é não deixares a pessoa ... ser, verdadeiramente como ela é e moldares o teu namorado, a tua namorada ao tipo de comportamentos que tu achas que é correto e é expectável.” (E2)

À exceção de um participante que caracteriza a violência nas relações íntimas como algo físico:

“Ah violência nas relações íntimas? Ahhh hummm é a parte da discussão que entra em descontrolo, quando a discussão deixa de ter controlo, parte para a agressão.” (E3)

Enumerando, contudo, comportamentos violentos que correspondem à violência psicológica:

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Não só físicos, psicológicos ahhh passa desde, desde ameaças, ameaças pode ser uma agressão ahhh ameaças... Começa pela a ameaça até que vai para algo mais grave e se chega à agressão física.” (E3)

Da análise das entrevistas foi possível observar que a maioria dos participantes, quando questionados sobre como definiam violência nas relações íntimas, deu especial enfoque à violência psicológica, à coação e aos comportamentos de controlo, ao invés da violência física:

“Ahhh eu diria que violência é ... é coação, não é? De um elemento em relação ao outro ahh pode ser hummm física ou pode ser hum meramente intelectual por forma a que a outra parte faça ahhh faça aquilo que nos pretendemos que ela faça, quer dizer ahhh no sentido em que eu ahh de alguma forma obrigo a outra pessoa a ter determinado tipo de comportamento ahhh através se uma coação, pode ser do tipo físico ou do tipo psicológico digamos assim.” (E6)

“A violência psicológica, ahhhh a violência física, ahhh dentro da violência psicológica ciúmes doentios, coação, ahhh interferência na autodeterminação em fazer... na maneira de vestir hum... na forma, no relacionamento com os amigos, intrusões de privacidade, ahhh ler coisas privadas inadvertidamente, sejam diários, sejam mails sejam mensagens. Violência física... todas as formas de violência física incluindo ahh violação, ahh isso.” (E7)

Sendo que, quando questionados sobre de que forma a violência se manifesta, sobre o que podem ou não ser considerados atos/comportamentos violentos, vários participantes retrataram a prática de comportamentos violentos de forma física:

“Violência física obviamente é o típico e tradicional, bater em alguém.” (E10)

Com o objetivo de perceber se os participantes em estudo percebiam de igual forma comportamentos violentos e comportamentos desadequados, questionou-se aos mesmos o que entendiam por comportamento desadequado e se a utilização do mesmo se justificava quando existia por parte do companheiro práticas violentas. Relativamente à utilização de um comportamento desadequado, todos os participantes afirmaram não aceitável a utilização destes comportamentos, quando existe um comportamento violento por parte do companheiro:

“Não! Não porque é assim eu acho eu acho que nada justifica independentemente de um comportamento de um ou do outro ahhh para com o outro enfim há sempre uma maneira de resolver as coisas, partir para a violência seja ela qual for, física emocional ou verbal enfim não é nem aceitável nem é solução, portanto.” (E10)

“Todos os descritos anteriormente, usar força, violência verbal, violência física, forçar a outra pessoa a fazer alguma coisa, moldar o comportamento de outra pessoa ou restringir de alguma forma a liberdade de outra pessoa.” (E5)

Na mesma questão, é possível verificar, por parte de outro participante, que este percebe comportamentos de controlo como um comportamento desadequado, percebido pelo mesmo como falta de respeito, e não como violência: *“(…) impedir a pessoa, não dar liberdade à pessoa, impedir que a pessoa saia de casa, por exemplo, é uma forma de não respeitar a outra” (E3).*

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

E, ainda, outro participante que considera que um comportamento desadequado é violência, mas somente violência psicológica e comportamentos de controle:

“Ahh tudo aquilo que eu disse anteriormente sem entrarmos na violência física ahhh tudo o que está borderline com a violência psicológica, ahhh tentar influenciar as pessoas com quem a outra pessoa se dá, tentar de alguma forma atentar contra a sua auto estima, minar a sua autoconfiança, fazê-la duvidar de si própria, ahhhh hummm não apoiar as suas decisões, ahhh quotidianas ou mais importantes, de carreira ou ahhh não respeitar a sua autodeterminação é isso.” (E7)

Violência nas relações de intimidade e as suas justificações

No decorrer das entrevistas, questionou-se aos participantes se os mesmo já tinham tido alguma experiência de violência no decorrer das suas relações íntimas. Dos onze em análise, foram sete os participantes que mencionaram ter sido vítimas deste tipo de comportamento. Três dos participantes referiram ter sido vítimas dos seus companheiros devido à prática de comportamentos de controle:

“Ahh posso, posso. Eu numa relação passada que tive ahh sentia frequentemente ahh que ahh enfim tinha que ter... justificar-me muito aquilo que os meus atos e sei lá, o estar com amigos o não poder naquele momento responder a uma mensagem por exemplo ahh e acho que isso acaba-se por enquadrar de uma forma muito subtil num comportamento de violência, que é tu sentires que enfim tas a trabalhar e se receber uma mensagem as três da tarde não é normal não responderes ate as cinco, imagina, ou demoraste mais do que uma hora porque tas a trabalhar, deves estar atento ou porque de repente já ligaste o WhatsApp e

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

portanto a pessoa sabe que tiveste no WhatsApp as quatro da tarde porque é que não me respondeste. Este tipo de perseguição quase como desconfiança continua de que tu estas a enganar ou que estas de alguma forma a ahh pá ahh não ser sincero com a pessoa é eu acho que acaba por ser uma forma de violência que acontece muito e de uma forma muito generalizada tantos nas relações homossexuais como heterossexuais, esta perseguição quase com quase como se tivesses sempre à espera de que de apanhar a pessoa em falso. Esta falta de confiança acaba por, quando tem este tipo de contornos, acaba por ser uma situação de violência e eu isso passei em algumas circunstancias.” (E2)

“Eu tinha um namorado que era assim um bocado obcecado, fazia fita sempre que eu ia sair com as minhas amigas e etc. E eu acho que isso eventualmente podia evoluir sei lá, para qualquer coisa se continuasse nesse género, mas, assim que me lembre...” (E4)

“Ahhh sim posso. Ahhh em considero por exemplo que ahh o ahh ir ver/ler por exemplo mensagens ahhh ou coisas pessoais do nosso parceiro é de certa forma um tipo de violência ahhh eu acho que nos temos direito a nossa privacidade mesmo estando numa relação íntima e ahh ahh, o facto da outra pessoa ir ao teu telemóvel, ao teu e-mail, ao teu facebook, ir consultar aquilo que vais fazendo ahhh é de alguma forma um tipo de violência e na minha opinião não é aceitável.” (E6)

Os restantes participantes enumeram como tipo de violência experienciada a violência psicológica, que por vezes levou à prática de violência física:

“Ahhh quando nós, quando nós falamos da forma como nos sentimos, eu sou muito assim ahhh puxar o parceiro a contas, à forma como eu me estava a sentir, não me sentir amado ou

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

me sentir desprezado e ele normalmente, a outra pessoa, não consegue lidar com isso e isso normalmente provoca uma situação um bocado desconfortável que pode partir para uma certa violência, não só, no meu caso com o meu parceiro atual, não foi só psicológica, chegou mesmo a ser física ahh porque foi de ambas as partes, comecei eu depois foi ele de certa forma para se defender a acusar-me e a ahhh fazer esse tipo de pressão que me fez descontrolar.” (E3)

“Sim, já vivi uma relação muito tóxica com um homem, eu na altura ainda não tinha descoberto que também gostava de mulheres, ahh portanto não sei se enquadra muito no estudo (risos) mas é uma. Era uma relação com, com, que envolvia a pessoa em causa era muito extremamente manipuladora e dominou totalmente a minha confiança, a minha auto estima e acho que essa foi a experiência que eu tive, foi com um homem, já foi há mais de dez anos e foi uma experiência limite no sentido em que eu ahh tive sempre níveis elevados de consciência daquilo que me estava a acontecer e tinha dificuldade em me libertar da relação, mas ao fim de várias tentativas consegui.” (E7)

“Sim, ahhh não sei exactamente originado do que, confesso que não sei, lembro-me que ahhhh uma vez estávamos em Nova York, e ahhh tínhamos vindo de uma discoteca e passamos por aquelas caravanas de comida que aparecem nos filmes que deitam imenso fumo e tá muito quente e não sei que, eee eu estava encostado a um prédio, tínhamos os dois comprado qualquer coisa para comer depois de vir da discoteca estávamos com fome, eu estava encostado a uma parede de um prédio a comer e sem lhe ter dito, não que se justificasse caso mesmo que eu tivesse dito ou feito mas completamente do nada, eu tinha aquilo perto da minha cara e ele bateu na parte de baixo, na base desse prato e aquilo saltou e por sorte não bateu na cara se não ter-me-ia queimado ahhhhh e eu fiquei completamente

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“tipo, o que é que se passou aqui” e depois, segundos depois, apercebi-me obviamente que aquilo era, era violência doméstica sob a forma física, este foi um foi um exemplo ahhhh o outro foi uma vez aqui em Lisboa, na casa dele, estávamos a descer as escadas, eu já não, lembro-me que aí estávamos a discutir, ao contrário do outro exemplo em Nova York foi completamente do nada, eu nem a falar com ele estava e isso aconteceu ahhhh este aqui lembro-me que estávamos a discutir, sinceramente não me recordo sobre o que, mas estávamos a discutir e ele empurrou-me das escadas, por sorte já no final das escadas, se não eu teria caído, eu cai só para aí 2 degraus porque eram já o fim das escadas, ele como era substancialmente mais forte e maior agarrou-me pelo braço eee depois ele vivia numa vivenda no restelo eee e empurrou-me com o pé para a estrada, eu hoje digo isto, na altura obviamente fiquei bastante fragilizado mas hoje não tenho qualquer trauma ahhh empurrou-me para a estrada com o pé agarrou-me pelo braço até ao portão e depois do portão para a estrada basicamente em bom português, deu-me um pontapé e eu cai para a estrada e a nossa relação acabou nesse dia ou no dia seguinte quando eu fui lá buscar as minhas coisas que tinha em casa dele, nunca vivi com ele, tinha a minha casa e ele tinha a dele e logo nesse dia fui-me embora obviamente e o dia seguinte de modo muito diplomático porque querias as minhas coisas que tinha lá em casa de modo muito diplomático fui falar com ele pedi-lhe as coisas e a nossa relação acabou aí.” (E11)

No mesmo sentido, um participante referiu nunca ter sido vítima de violência nas relações íntimas. Contudo, no relato do mesmo é possível observar uma experiência capaz de se enquadrar, assim como, uma legitimação e banalização da pequena violência:

“Não, já aconteceu estar bêbado numa festa e ter um namorado que tem ciúmes e que puxa-me para o lado dele, e possa ser mais violento e deu-me um empurrão mas nunca passa

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

disso. (...) Por exemplo, na noite com álcool, com ciúmes à mistura há sempre ali um bocadinho de pressão, sim violência. Não há violência física mas há uma violência quase física, não é? Que depois no dia a seguir nem é nada mas.” (E9)

A par das experiências de violência nas relações íntimas vividas pelos participantes, os mesmos foram questionados sobre os efeitos desta experiência, assim como, quais as medidas que tomariam. Relativamente à experiência de violência, todos os participantes referiram que os efeitos de uma experiência de violência são negativos, enumerando a destruição, o afastamento, o desinteresse, o fim do relacionamento, a perda de confiança, de autoestima, assim como a reincidência deste tipo de comportamento:

“Destruição, acho que a partir do momento em que se abre a porta a um ato de violência, depois é muito fácil voltar a acontecer e a partir daí está tudo destruído, já não é uma relação de amor, é uma relação de medo que possa sempre voltar a haver um ato de violência e já não... acho que deixa de ser saudável, não faz muito sentido assim.” (E1)

“O afastamento, ahhh o desinteresse ahh principalmente o afastamento, eu já vivi isso na pele por isso sei bem o que é.” (E3)

“Eu acho que, sei lá, depende do grau de violência, ah mas acho que com a parte psicológica acaba sempre muito a ir pá frente, a pessoa fica se calhar menos confiante, não sei, mas acho que é essencialmente, pronto não temos a falar naquelas relações que são mesmo fisicamente violentas onde a pessoa vai para o hospital etc. mas acho que é um bocadinho por aí, a parte.. ou a parte física ou a parte psicológica, a pessoa acaba por sair muito abalada com efeitos depois se calhar a longo termo.” (E4)

“Na minha opinião eu acho que, por exemplo, no exemplo que lhe dei à pouco ahhh apesar de ter 20 anos na altura ahhh e padecer de alguma ingenuidade, também não me considero tonto de todo e percebi que aquilo obviamente não era nem para mim nem para ninguém e que a solução seria sempre sair desta situação, agora percebo que para pessoas mais adultas com filhos, agora estamos a falar na modica homossexual portanto nem sempre há filhos, na maioria dos casos não há, por exemplo com casas próprias com historias de vida compartilhadas presumo que não é como eu fiz, diplomaticamente vou buscar as roupas que tenho ai e nunca mais te vejo, isto é uma coisa que se pode fazer com 20 anos e com 1 ano de relação, pode sempre fazer com mais anos, ou seja, é mais fácil, isto nos seguimento para responder qual e a solução possível, eu não acho que existe uma chapa 3, ah e numa situação de violência obviamente que se sai de casa, obviamente se termina tudo, não acho que seja assim tao obvio, acho que na teoria é logico que é de terminar com a relação, terminar com aquela algo que é violento para alguém, mas na pratica presumo que não seja assim tao fácil ou que aconteça com tanta frequência como que se calhar na teoria acontece.” (E11)

Ao invés de um participante que referiu que uma vítima de violência nas relações íntimas, pode aprender com a situação e não se sujeitar futuramente à mesma experiência:

“Acho que o ahh o efeito possível é a aprendizagem futura para não voltar a aceitar e para não seres tu a pessoa que exerce comportamentos de violência, ahh aqui falo no meu caso pessoal eu acho que com esta experiencia de pressão psicológica e efeito de subjugação consigo mais facilmente detetar esse tipo de padrão, quer pá nalguma reação que eu tenha e que de repente me faz perceber “pera eu tou a ter aquele comportamento, tou a seguir a

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

linha de um comportamento de violência psicológica” portanto mais facilmente consigo detetá-los e acalma-los e claramente o impacto positivo é não permitir que isso aconteça nunca ou aceitar de outra pessoa.” (E2)

Com o intuito de compreender as medidas que os participantes tomam, ou tomariam, se estiverem a experienciar uma situação de violência, questionou-se os mesmos. Os participantes referiram que se estivessem a experienciar uma relação de violência íntima tentariam conversar com o companheiro (a), procurar ajuda, denunciar o companheiro (a), procurar apoio psicológico, desabafar e/ou sair da relação:

“Eu acho que o procurar ajuda só o faria se a situação fosse mesmo grave, ahhh tentaria sempre resolver a coisa por mim próprio.” (E3)

“Eu acho que acabava a relação assim, mas eu sou uma pessoa muito racional nessas coisas, sei que há coisas que se calhar são, mas agora, mas eu penso um bocadinho a longo prazo e acho que sim, acho que não tinha qualquer hipótese de continuar/fazer coisas quando se vão por esse caminho não da para voltar atrás.” (E4)

“Dependendo das coisas acho que ate era capaz de ir denunciar a pessoa.” (E5)

No mesmo sentido um outro participante referiu que as medidas que tomasse, dependeriam da situação em causa e das suas consequências:

“Olhe acho que, sinceramente volto atrás e digo-lhe, na na, iria por no prato da balança o que é que esta relação tem de boa e o que é que tem de má, bom tem de má era vamos por

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

que era a parte da violência, vamos por que seria só isto. O que é que a relação tem de bom e depois ver se isto foi um comportamento isolado ou se é uma prática reiterada, se é uma prática reiterada a parte má tem que obviamente pesar mais e a pessoa tem que fazer por sair disto, agora se foi de facto uma pratica reiterada não estou a dizer que se desculpe “ ai ele passou-se ai eu também fiz isto”, não eu acho que as coisas não funcionam assim mas sendo um ato isolado e havendo outras pontos bons quer dizer, é como um aluno teve de 0 a 20 num exame teve 18, não vai chumbar não é só porque teve 2 coisas erradas, é mais, isto metaforicamente claro.” (E11)

Todos os participantes referiram que nenhuma razão pode justificar a prática de violência nas relações íntimas:

“Que razões? Eu acho que nenhuma razão justifica um ato violento, mas lá esta, é muito complicado, tanto nas relações gays como heterossexuais, encontrar o equilíbrio por vezes pode ser difícil, numa semana que houve muito trabalho, muita tensão, muito stress acabamos sempre por descarregar em quem esta ao nosso lado eee se não tivermos um controlo facilmente pode-se explodir um bocadinho mais, mas acho que ai é um bocado transversal, não e só relativamente aos homossexuais. Eu acho que nada pode justificar violência, nada justifica um ato de agressão para o, principalmente para alguém com que se ama.” (E1)

“Não há nenhum, não há nenhum, não há nada que possa justificar, quer dizer todas as, todas as, todos os comportamentos têm um enquadramento e têm um contexto, mas não são de forma alguma justificadas.” (E7)

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Nenhumas, nenhuma ah há obviamente que há sempre diferenças numa relação de um casal ah há sempre diferenças de comportamento e tu tens que conseguir gerir isso e nem sempre é fácil e há alturas que tens menos paciência e é normal que haja discussões é normal que haja alguma, algum... enfim alguma exaltação ah mas acho que nada justifica ah rebaixares a outra pessoa, manipula-la, faze-la sentir inferior e bom e a partir daí a violência física então acho que nenhuma razão justifica acho que uma relação saudável obviamente que passa por haver desentendimentos, mas passa por saber ah arranjar um meio termo, conseguir arranjar algum consentimento, há coisas que implicam cedências de uma parte, há coisas que implicam cedências de outra parte, mas acho que nada disso justifica humm pá humm qualquer tipo de violência, qualquer tipo de ah subjugação de parte a parte, de maneira nenhuma.” (E2)

Com exceção de um participante que referiu que as razões que podem levar à prática de comportamentos violentos passam por distúrbios de personalidade e alterações da mesma:

“Distúrbios de personalidade, alterações da personalidade seja ela qual for, drogas ou álcool ah enfim certamente personalidades mais violentas que existem ah ah acho que sim acho que é isto.” (E11)

Outing

Como referido anteriormente, o *outing* é um tipo de violência característico da população homossexual. Dessa forma, ao longo das entrevistas questionou-se os participantes com o objetivo de verificar se os mesmos conheciam este tipo de violência e se a percecionavam como tal. De todos os participantes em estudo apenas um referiu já ter sido vítima deste tipo de violência.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Ahhh eu era, eu tenho 31 anos e tinha se não me engano 20 ou 21, e o rapaz era mais velho do que eu e hoje à luz e face ao tempo decorrido, vejo que era uma relação que não se baseava em valores, baseava-se mais numa parte física, pelo menos não se baseava em valor na outra parte, ahhh não estou a dizer que eu sou muito honrado e que ele não era mas seguramente que eu tinha mais valores e educação do que o outro ahhhh e que pelo menos estava iludido que aquilo seria uma relação seria quando era do meu lado e não era do dele. Ahhh independentemente de eu também já ter tido erros noutras relações, mas estou a falar neste caso concreto ahhhh eee eleeeee no final da relação que durou um ano e um mês ahhh ele teve comportamentos que foram foram nesse sentido, na altura, eu hoje sou sou gay assumido, mas na altura não o era estamos a falar há 10 ou 11 anos e isto é todo um processo e na altura não o era e ele chegou a enviar e-mails para amigos meus que sabia que não sabiam da minha orientação, que ele tinha conhecimento que não sabiam da minha orientação sexual ahhhh e-mails, uns que me pôs em conhecimento outros que nem sequer pôs, ahhh chegou também a dizer que iria dizer aos meus pais, que hoje sabem que na altura não sabiam, ele usava isso como arma de arremêço.” (E11)

Os restantes participantes demonstraram não percecionarem o outing como violência, nem terem sido vítimas:

“Ahh isso não se aplica a mim porque eu sou completamente aberto em relação a isso e por isso esse tipo de ameaça não, não resultaria ahh porque eu não tenho medo que se saiba quem eu sou e por isso não, não se aplica.” (E6)

Resolução de conflitos na relação íntima

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Quando questionados sobre a forma como resolviam os problemas e/ou conflitos dentro da relação, com o objetivo de conhecer os comportamentos adotados, verificou-se que todos os participantes utilizam o diálogo como meio para atingir o fim, relativamente à resolução dos problemas e/ou conflitos:

“Ahhh que formas utilizamos para resolver conflitos? Eu acho que passa muito por tentar perceber os dois lados, portanto aí é algo que eu tento fazer, tentar perceber em que é que se baseia a discordância do meu namorado, neste caso, e tentar perceber de que forma eu consigo conciliar esse ponto de vista com o meu. De uma forma mais prática: ahhh ou tento explicar e dar, no fundo tentar fazer com que a outra pessoa perceba o meu ponto de vista mas ao mesmo tempo tentar perceber se é razoável ou não a discordância às vezes há casos em que sim eu acabo por ter de dizer “ok eu percebo o teu ponto mas não concordo por isto e por aquilo”, das duas uma ou chegamos a um meio termo ou tudo bem eu cedo neste ponto mas tens que compreender que eu preciso por outro lado que compenses, não numa lógica de toma lá dá cá, mas numa lógica de tentar que haja uma forma de conciliar o desentendimento ahhh acho que passa muito por aí, acho que passa por bom senso, passa por cedência, passa por teres que... eu acho que aqui a diferença, a diferença entre tu teres que te anular e o consentimento é um bocadinho essa, há pessoas que forçam essa anulação, ou é assim ou tu não me mereces ou isto acaba tudo ahh que acaba isso sim acaba por ser um comportamento violento porque força a um comportamento que não te é que acaba por te ser ahhh por te limitar de um consentimento mútuo em “ok, eu vou ceder aqui, tu vais ceder ali, portanto vamos chegar a um meio termo que é saudável para os dois.” (E2)

“Aquilo que nos tentamos sempre é conversar sobre o assunto e identificar a causa do problema, porque normalmente nós conseguimos sempre identificar alguma coisa, ou

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

estamos a pensar menos tempo juntos, já estamos com mais workload, conseguimos sempre identificar alguma coisa que, às vezes há coisas estúpidas que não se identificam com sono, tpm, mas as coisas mais sérias acho que é isso que tentamos fazer, conversar sobre isso e tentar identificar porque é que estamos a agir assim.” (E4)

No sentido de verificar se os participantes estariam dispostos a solicitar a intervenção de terceiros caso estivessem a experienciar uma situação de violência nas relações íntimas, e em que medida o fariam, os mesmos foram questionados. Todos os participantes afirmam que é sempre precisa e necessária a intervenção de terceiros, sendo necessário discernir com calma e precaução de que forma e a quem se vai solicitar essa mesma intervenção:

“Violência é um crime público, portanto ahh a partir do momento que nós sabemos que existe violência temos moral para intervir. Como intervimos é que já, aí é que já e uma matéria um bocadinho sensível que tipo de violência é que nos achamos, isto é muito subjetivo, que devemos participar porque lá está, violência doméstica é um crime público e temos que participar, ele deve ser participado. Acho que aí é o bom senso que impera, ter uma conversa com as pessoas, tentar perceber se há motivação para mudar se não há, se querem procurar ajuda, se não querem, porque eu sei que há aquele ditado “entre marido e mulher ninguém mete a colher”, eu discordo completamente nestes casos, mas pronto, mas isso são, são pontos de vista.” (E4)

“Justifica-se sempre, eu se vir uma pessoa, ... ainda no outro dia tava a testemunhar uma discussão muito violenta na rua e fiquei a ver para ver se aquilo se desenvolvia, de que forma é que aquilo se desenvolvia se tinha algum out come, digamos assim violento, e várias pessoas estavam na rua a fazer a mesma coisa, eu acho que justifica-se sempre ahh as

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

peessoas tem que perceber que nem sempre podem, as pessoas que estão de fora nem sempre podem, podem não ser sempre eficientes nessa, nessa intervenção. Eu recordo uma situação que aconteceu que foi filmada há um ano e tal ou há dois anos num programa da SIC e que por acaso, no E SE FOSSE CONSIGO e que por acaso apanhou uma figura pública líder do bloco de esquerda a Catarina Martins e eu fiquei extremamente comovida com a reação que ela teve porque ela teve uma reação profundamente inteligente que foi, houve várias pessoas que intervieram, que foram filmadas a intervir e o que elas faziam era dirigir-se à vítima e dizer-lhe para ela se vir embora ou confrontavam de forma violenta, violenta entre aspas, verbalmente o rapaz que a estava a quase agredir e a Catarina Martins teve uma intervenção mesmo muito inteligente que foi ahhh dizer “deixe-a ir-se embora e nós ficamos aqui os dois a conversar” ahh e eu acho que ela não estava, aquilo não era um artifício, ela não tava a dizer aquilo ao rapaz eu acho que aquilo se fosse verdade e se ele a deixasse ir embora e eles ficassem ali os dois a conversar ela estava a ter uma intervenção junto do agressor que eu acho que é a coisa mais difícil de se fazer e naquele caso era de facto, foi de facto a única reação que foi filmada daquele tipo e eu acho que era a reação mais inteligente a ter porque para já tratava-se de um adolescente, de um jovem não é, claramente uma pessoa que ainda tinha uma permeabilidade para sofrer uma intervenção, eu acho que a intervenção de terceiros é sempre justificada.” (E7)

De salientar a resposta que um participante referiu quando questionado sobre a intervenção de terceiros numa situação de violência, onde por ventura, foi possível encontrar uma crença:

“Eu acho que por, tendencialmente as pessoas são adultas, hoje em dia há muita informação, portanto se estão naquela situação é porque querem.” (E11)

Ainda no seguimento da partilha com terceiros, os participantes foram questionados sobre em que medida é que se deve partilhar com outros a vivência de uma experiência de violência. De notar que uma certa parte dos participantes não compreendeu a questão e, como tal, não respondeu de forma correta à mesma. Já os participantes que a compreenderam, afirmaram que esta era uma questão “*complicada*” (E2), não existindo um consenso relativamente ao *timing* da partilha:

“Pois, isso é uma pergunta complicada ahh bom eu acho que tu enquanto pá quanto pessoa com enquanto ser humano com auto-estima que obviamente debes ter, debes saber o limite, debes conseguir perceber os teus limites portanto eu acho que nunca deverás, a partir do momento em que te apercebes que estas numa situação de violência, que nem sempre é fácil tu perceberes, estas envolvido numa relação e, portanto acaba por ser a vida íntima do casal, mas acho que a partir do momento em que tu sentes que não estas a ser respeitado, a outra pessoa não te está ahhh, aquilo não é um mero desentendimento, acaba por ser uma forma subtil e continuada de subjugação, a partir do momento em que tu tens essa perceção acho que nunca debes guarda-la para ti, para a tua saúde, acaba por ser para a saúde da outra pessoa porque com o avançar a outra pessoa também não pode estar feliz numa ahh a subjugar a pessoa com quem está ahh e portanto acho que a partir do momento em que o detetas acho que debes partilhar, primeiro com as pessoas que são mais íntimas, os teus amigos, até para ter uma outra visão, porque tu estando dentro de uma situação não tens uma visão livre e não enviesada do tema ahhh portanto acho que é muito importante partilhar e verificando-se que é uma situação que escala os limites mínimos do desentendimento claramente pedir ajuda profissional se chegar a esse ponto.” (E2)

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“A vítima, ah acho que a vítima deve, deve, deve partilhar, não me parece que a tendência seja nesse sentido eu acho que as pessoas quando são vítimas de violência tendem a, a esconder ou então como eu dizia no meu caso, que era violência psicológica, ahh às tantas desistem de falar com os outros porque se sentem também culpadas por não alterarem a sua situação, mas eu acho que partilhar é essencial para tudo.” (E7)

“Isto são perguntas muito complicadas. Ahh o que é que define a linha? Ahh, não sei porque é um bocado difícil de pensar em todos os cenários, que à partida haveria, haveria muitos cenários ou que a coisa se iria resolver, ou no seio da relação ou acabando a relação provavelmente sem envolver uma terceira pessoa. Ahh portanto para envolver terceiras pessoas eu acredito que tem de ser uma coisa mais de que eu veja agora e à distancia teria de ser mesmo violência física. Não uma invasão de privacidade ou quero acreditar que uma coisa dessas se mesmo uma coisa mais verbal ou assim que se mais uma vez se iria resolver ou no seio da relação ou acabando a relação ahh agora acho que seria acho que pelo menos aquilo que me levaria a mim seria pedir ajuda, seria envolver terceiras pessoas, fosse policia ou não, amigos familiares o que fosse seria violência física.” (E8)

Ao longo das entrevistas foi possível verificar que os principais conflitos existentes nas relações dos participantes eram as discussões. Nesse sentido, questionou-se os mesmos com o objetivo de compreender como é que estas decorriam e que estratégias utilizavam na sua resolução. Todos os participantes afirmaram que no decorrer das discussões era usual exaltarem-se, sendo a principal reação o aumento do tom de voz aquando da discussão e as principais consequências passam por sentimentos magoados:

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Ahhh acho que houve algumas vezes em que a reação foi foi falar mais alto e por cima ahhh mas normalmente costumo reagir ao contrario, fico frustrada e fico absolutamente calada e portanto é mais chorar e abandonar a sala.” (E8)

“Sim exaltar já, já exaltei, falar um bocadinho mais alto...” (E4)

“Ah eu acho que é normal, uma pessoa exalta-se, somos latinos, eu levanto a voz ele levanta a voz há discussão é capaz de me bater com a porta mas acho que nunca chegou ao ponto de um ou do outro querer bater no outro ou de querer, é assim certamente ai se calhar poderíamos catalogar que há alguma certa violência há sempre aquela parte que chega aos insultos e não sei que mais mas é aquelas coisas esporádicas e acho que é mais no, no, no momento e no quente do momento em que uma pessoa se calhar sai diz coisas da boca para fora mas acho que não é enfim não é aquela coisa sentida e mesmo com vontade de rebaixar ou de agredir ou de diminuir o outro.” (E10)

“Regra geral como nos damos bem ahhh a seguir à discussão temos duas opções ou, como acontece às vezes começamos a rir e a coisa passa também porque não são discussões assim muito graves, mas uma outra assim mais graves, mais serias, ahhh pronto cada um fica assim para um lado durante umas horas calados e o diálogo retoma e fala-se com mais calma daquilo que se teve aos gritos antes, e vá foram gritos moderados nada de por ai alem e depois pronto passa-se a frente ou as vezes a discussão volta outra vez mas de modo mais calmo vá, mas sempre foi tudo muito moderado.” (E11)

À exceção de um participante que referiu que aquando as discussões com o seu parceiro, era usual o decorrer da prática de violência psicológica:

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Sim, uma discussão por exemplo com o meu, o meu, o meu companheiro, o meu companheiro que eu tenho agora ahh já existiu isso, já existiu esse tipo de pressão ahhh psicológica que faz que faz partir para um certo tipo de violência sim, mais verbal.” (E3)

O apoio e a perspectiva da sociedade

A maioria dos participantes em estudo não tem conhecimento sobre os apoios existentes para indivíduos homossexuais vítimas de violência doméstica, afirmando que não existe uma divulgação efetuada de forma correta:

“Eu confesso que não tenho, não tenho perceção e nunca me informei muito sobre as instituições que existem nesse sentido e isso acho que pode ser um sinal de que não há ainda uma divulgação generalizada destas instituições, ahhh e acho que passa muito, passa um bocadinho por isto acho que nesta, enfim os casos de violência são sempre casos em relações íntimas, são sempre casos que geram enfim, geram vergonha pra pessoa portanto tentas sempre ao máximo resolver no seio da relação, ou no seio familiar, enfim dos amigos e tentar não escalar para fora. Nas relações homossexuais acho que ainda é mais agravado pelo facto de ainda estares, apesar de, enfim da sociedade hoje em dia já aceitar melhor as relações homossexuais mas continuas a viver ainda algum secretismo, tentas ser discreto, tentas ser mais contido e portanto acho que nestas situações tem tendência ainda a ser mais, mais difícil procurar ajuda humm, pronto e portanto acho que não há ahh relativamente as instituições de apoio de violência a casais homossexuais não acho que acha ainda uma divulgação em larga escala suficiente para conseguir apoiar quem quem de facto sofre dessa violência, acho que precisávamos de divulgar talvez mais nos meios adequados ahh é isso.” (E2)

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Os participantes que referem ter conhecimento sobre o apoio existente não se alongaram muito sobre esse assunto, demonstrando que o conhecimento é parco:

“Eu acho que existe algumas instituições a ILGA e etc que se preocupam com isso ahhh e acho que é só por ai porque eu acho que nos serviços nacionais de saúde a homossexualidade ainda é muito tabu, mas não e por mal, acho que as pessoas não sabem lidar com isso e então acaba por toda a gente ficar constrangida, a pessoa que recebe o pedido de ajuda, mas depois não sabe ajudar e depois há uma grande confusão e pelo menos alguns relatórios da saúde que eu leio as pessoas dizem que acabam por não dizer que são LGBT porque se sentem constrangidas e sentem que deixam a outra pessoa constrangida e as vezes não e por mal então eu acho que na parte da saúde na nossa e ainda há muito a fazer e acho que a grande mais valia que nos temos é ir as instituições, não é instituições, associações tipo ILGA etc pronto que tao mais habituadas e tratam mais...” (E4)

Quanto à perspectiva da sociedade sobre a violência íntima em casais do mesmo sexo, os participantes afirmam que nos dias de hoje o que se ouve, ou ouve mais, é o tema da violência nas relações íntimas em casais de sexos diferentes, sendo a violência íntima em casais do mesmo sexo um pouco desprezada e desvalorizada:

“Sim! Tenho a certeza que o fazem de forma distinta. Ahh isto se calhar numa visão um bocadinho machista ahh e se calhar vou dizer agora uma asneira, mas, não e o que eu penso atenção, mas eu acho que ahhh se virmos um casal de dois homens em que há violência domestica ou de duas mulheres em que há violência domestica e quase como as forças são iguais portanto... enquanto que se for um homem a bater numa mulher ahh a coisa e sempre uma relação de à ele e mais forte bate, coitada, não sei que. Se forem dois homens e quase

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

aquela expressão há eles são brancos eles que se entendam. E um bocado, acho que existe esse, totalmente isso, totalmente um preconceito, esse preconceito existe sim.” (E11)

“Eu acho que, é assim, não é uma tese provada eu acho que depende dos países, eu acho que por exemplo em Portugal, quer queiramos quer não independentemente de legalmente haver um quadro que enfim, ser-se homossexual hoje em dia em Portugal é é é muito igual a um casal heterossexual mas eu acho que na sociedade em si ainda há muito o ahhh ainda há muito ahh agora esta a faltar-me a palavra, ainda há muito ahh o estigma, ainda há muito estigma para com os homossexuais especialmente nos homens, nos latinos há sempre aquela coisa de ahh pronto se a bicha apanhou também era porque merecia, uma coisa assim enquanto a mulher é mais vista enfim num casal heterossexual um homem agredir a mulher é vista mais como vítima, e um homem que abusa da sua força e da sua posição enfim fisicamente superior à mulher para abusar dela, nos homens acaba por ser aquela coisa de as bichas também apanhar mais uma apanhar menos uma enfim mas acho acho acho que isso infelizmente pode não ser muito comentado mas acho que ainda é assim uma espécie de uma perceção, uma espécie de uma atitude bem mais real do que daquela que nos possamos acreditar especialmente saindo dos centros urbanos do país, especialmente ai sim.” (E10)

Um dos participantes frisa claramente a discriminação sentida na primeira pessoa de que a população homossexual é vítima, referindo que não é a sociedade em geral mas uma parte da sociedade que é preconceituosa:

“Eu acho que sim, ahh não diria muito assim a sociedade, mas acho que acho que há um há uma perceção em algumas franjas da população eu acho que os psicólogos infelizmente caem nisso de achar que há mais há tendência para estender o preconceito e achar que os

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

casais homossexuais são mais ciumentos, que são mais têm relações mais obsessivas, eu acho que sim, além de haver obviamente formas de de discriminação nos media nomeadamente num jornal, que é o jornal com maior tiragem em Portugal que é o Correio da Manhã, que se pela por um crime gay:

“o que é que será um crime gay?” não sei (risos). Sim há eu acho que há, muito por essa coisa do ciúme e do, um bocado também eu acho que há pessoas, há um preconceito em que passa por ver os homossexuais como uma espécie de uma sociedade secreta ou uma ceita e nesse caso e nesse e nesse derivando desse preconceito há aquela coisa de que eles são menos conhecem-se todos e têm mais ciúmes porque eu já ouvi um comentário destes por parte de um psicólogo e chocou-me bastante, mas acho que isto é uma é uma coisa que é relativamente comum. É, eu acho que é por causa do ciúme é baseada num, é uma derivação de outros preconceitos que eu acho que existem nomeadamente esse preconceito da sociedade secreta, o preconceito de ver na homossexualidade uma ahh uma espécie de de ceita, existe alias uma expressão que é muito usada que é o “Lobi gay” é para designar outras coisas que não estas mas serve para perceber que há, há um preconceito que vê os homossexuais assim como parte de uma coisa maléfica e depois isso tem haver com questões de serem menos de se relacionarem de outras maneiras, eu acho que há muita ideia, sobretudo entre os homens há muito ciúme acho que há essa ideia.” (E7)

Discussão

Da análise das entrevistas dos participantes em estudo, foi possível observar que todos os participantes compreendem e têm noção do conceito de violência assim como das diversas tipologias que lhe estão associadas, à exceção de um participante que define a violência nas relações íntimas como algo físico, não percebendo a violência psicológica como tal. Relativamente às tipologias de violência nas relações íntimas, os participantes mostraram um maior enfoque para a violência psicológica no seio das relações íntimas, incluindo nas mesmas, os comportamentos de controlo, o que pode estar relacionado com o mediatismo que a mesma tem tido nos dias de hoje, uma vez que antigamente eram raros aqueles que defendiam a existência de violência psicológica e a consideravam como tal. Contudo quando questionados sobre a prática de violência, todos os participantes mencionaram a violência física, exemplificando a mesma.

Da análise das entrevistas foi possível compreender que apesar dos participantes identificarem a violência e as tipologias e assumirem não existir razões ou justificações para a prática de violência, foi possível em alguns discursos observar uma banalização da pequena violência, no decorrer de discussões por exemplo. E, ainda, uma legitimação da violência devido a fatores externos. Estes fatores, como é possível observar no estudo de Czuba (2015) estão associados a um aumento da perpetração de comportamentos violentos.

Dos onze participantes em estudo, sete já tinham experienciado em certa altura da vida uma situação de violência nas relações íntimas. Este tipo de experiência, pode condicionar a forma como os mesmos percebem a violência e levar à banalização da violência, como demonstrado no estudo de Czuba (2015). Exemplo disso, é uma participante do estudo que menciona nunca ter sido vítima de violência nas relações íntimas e, num momento da entrevista relata uma situação de violência física, descredibilizada pela mesma e vista como algo normal devido ao momento em que ocorreu (atribuição da violência a causas externas).

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

A par das experiências de violência nas relações íntimas vividas pelos participantes, os mesmos referiram que os efeitos de uma experiência de violência são negativos, enumerando a destruição, o afastamento, o desinteresse, o fim do relacionamento, a perda de confiança, de autoestima, assim como a reincidência deste tipo de comportamento. Tal como mostra o estudo de Czuba (2015) em que se verificou que uma legitimação e banalização da pequena violência está associada a elevados índices de comportamentos violentos.

Um resultado que não era esperado está relacionado com a prática do *outing*. Como referido anteriormente, o *outing* é um tipo de violência característico da população homossexual. Dessa forma, ao longo das entrevistas procurou-se verificar se os participantes conheciam esta tipologia e se já tinham experienciado a mesma e em que medidas. Contudo todos os participantes, à exceção de um, negaram a existência deste tipo de problemas. Tendo sido possível observar que alguns dos participantes não equacionavam ou percecionavam esta tipologia como violência.

No que concerne à resolução de conflitos, todos os entrevistados utilizam o diálogo como meio de resolução de problemas, contudo no decorrer das entrevistas os mesmos mencionaram que os momentos em que existe maior tensão no relacionamento são as discussões, onde por vezes chega a existir violência física.

Todos os participantes afirmam que é sempre precisa e necessária a intervenção de terceiros, sendo necessário discernir com calma e precaução de que forma e a quem se vai solicitar essa mesma intervenção. Aquando a questão da intervenção, foi possível observar no discurso de um participante a presença, clara, de uma crença *“Eu acho que por, tendencialmente as pessoas são adultas, hoje em dia há muita informação, portanto se estão naquela situação é porque querem.”* (E11).

A falta de reconhecimento da sociedade e, conseqüentemente, de apoio para esta problemática, foi referido por vários participantes do estudo. Os participantes afirmam que

nos dias de hoje o que se ouve, ou ouve com maior frequência é o tema da violência nas relações íntimas em casais de sexos diferentes, sendo a violência íntima em casais do mesmo sexo um pouco desprezada e desvalorizada. Um dos participantes frisa claramente a discriminação que sente e de que a população homossexual é vítima, referindo que não é a sociedade em geral, mas uma parte da sociedade que é preconceituosa. Tendo alcançado conclusões semelhantes no seu estudo, Czuba (2015) considera que esta problemática afeta a sociedade e é necessário o desenvolvimento ou adaptação dos programas de prevenção e acompanhamento de vítimas e agressores LGBT.

É possível, após a análise realizada às entrevistas dos participantes em estudo, afirmar que, tal como Czuba (2015), Papp e colaboradores (2016) e Perez-Jimenez e colaboradores (2017), as crenças legitimadoras da violência incidem sobre os sujeitos, e surgem como fatores de risco ou preditores para a perpetração e/ou aceitação de comportamentos violentos no seio das relações íntimas.

Relativamente às limitações da presente investigação, podemos referir em primeiro lugar a dimensão da amostra, devido à dificuldade em aceder a esta população, recorreu-se a uma amostra de conveniência, não tendo sido possível a obtenção de uma amostra maior. Contudo, estamos certas de que com esta investigação contribuímos de certa forma para o conhecimento das especificidades desta população e, conseguimos “dar voz” à mesma. O que, no futuro, poderá levar a um maior interesse da sociedade por esta problemática e levar a um aumento de investigações sobre a temática em estudo, contribuindo com novas formas de intervenção, prevenção e combate a esta problemática. Outra limitação pode ser a proximidade das idades dos participantes em estudo, limitando as mesmas a um intervalo muito próximo, jovens adultos, não existindo participantes mais velhos. Dessa forma, apenas conhecemos na presente investigação a realidade dos jovens adultos que, certamente, é

diferente dos indivíduos mais velhos. Contudo, não é possível perceber ou quantificar o impacto que tal limitação possa ter tido no estudo.

Durante as entrevistas, por vezes, foi notório que alguns dos participantes nunca tinham pensado bem nas questões colocadas. Assim como, foi possível verificar que alguns participantes pareciam relutantes em partilhar a sua opinião. Enquanto que uns se sentiam confortáveis em partilhar todo o tipo de experiências com o objetivo de enriquecer o presente estudo e, faziam questão de fornecer respostas completas à entrevistadora. Outros, não demonstraram o mesmo à vontade, assim como interesse no estudo, oferecendo muitas vezes respostas dicotómicas a perguntas abertas e de opinião. Este tipo de comportamento poderá ter influenciado os resultados do estudo, uma vez que o tema em análise é um tema sensível e alvo de muitos juízos de valor, como tal as respostas dos entrevistados podem ter sido influenciadas pelas suas crenças pessoais e também pela desejabilidade social. A especificidade do tema, e a própria cautela que é preciso ter ao abordá-lo, pode ter levado os participantes a partilharem opiniões e ideias que não correspondem às suas crenças pessoais, mas sim, que segundo os mesmos, é o desejável socialmente e o correto. Para minimizar este possível problema, durante as entrevistas, a entrevistadora tentou manter sempre uma postura aberta e adequada, controlando o comportamento não verbal apresentado. Foram, sempre, esclarecidas as questões colocadas, para que não existissem dúvidas quanto às ao teor das mesmas. Foi disponibilizado aos participantes todo o tempo que necessitavam para responder. Note-se que no decorrer das entrevistas, assim como, na realização da análise de conteúdo, foi possível concluir que a pergunta referente ao grau de contenção da partilha que os indivíduos devem ou não ter aquando a experiência de violência nas relações íntimas, suscitou diversas dúvidas na maioria dos participantes, existindo quase sempre a necessidade de a explicar através de exemplos.

Por último, é importante considerar a possibilidade da investigadora que realizou as entrevistas e analisou os dados recolhidos, devido às suas características pessoais e à forma de compreender a problemática em estudo, pode ter influenciado a maneira como a mesma realizou a metodologia utilizada e, dessa forma ter influenciado os resultados em estudo. Segundo Miles e Huberman (1994) a metodologia da análise de conteúdo nunca é totalmente objetiva, uma vez que, o investigador quando decide estudar determinada problemática, já tem pré-definido no seu entender aquilo que procura e quais os resultados que espera alcançar. Deste modo, e uma vez que as crenças e os ideais da investigadora podiam, em certa parte, influenciar a análise do estudo, a análise efetuada foi ainda revista por outras investigadoras com o objetivo de garantir uma maior objetividade na análise dos dados.

Conclusão

Foi em 2005 que se deu início ao estudo sobre a violência íntima em indivíduos homossexuais, através do estudo exploratório de Antunes e Machado. Desde essa altura, têm sido vários os estudos sobre esta população, principalmente sobre a prevalência e a caracterização das especificidades da violência praticada nesta população (e.g. outing) (Domingues, 2015). Foi há cerca de dois anos, segundo a pesquisa realizada na presente investigação, que ocorreu em Portugal a realização do primeiro estudo sobre as crenças da violência íntima em indivíduos do mesmo sexo (Czuba, 2015).

No que concerne a limitações do presente estudo, é possível que devido à codificação das categorias e subcategorias, assim como das características pessoais da investigadora, tenham ficado por identificar crenças que estejam presentes nos relatos dos participantes, influenciado deste modo os resultados obtidos.

Contudo, apesar das eventuais limitações, a presente investigação resultou em contributos concretos para o conhecimento deste fenómeno das crenças nas relações íntimas, nomeadamente nas especificidades da população homossexual e no preconceito que os

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

indivíduos que mantêm relações com pessoas do mesmo sexo sentem face à sociedade e aos apoios existentes.

De uma forma geral, é necessário que se continuem a desenvolver investigações sobre a problemática da violência íntima nos indivíduos do mesmo sexo. Sendo perentório, assumir a igualdade de importância entre a violência nos casais do mesmo sexo e de sexos distintos.

Trabalhando para que exista uma divulgação maior (e.g. anúncios de combate à violência íntima com indivíduos homossexuais e, não só com mulheres heterossexuais) dos serviços de apoio existentes. Visto que foi possível concluir que a maioria dos participantes não conhece instituições ou então associa-as a associações para heterossexuais.

Referências

- Almeida, I., & Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica, 1* (28), 179-192.
- Alves, B. L. S., & Diniz, F. M. N. (2005). “Eu digo não, ela diz sim”: A violência conjugal no discurso masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem, 58*(4), 387-92.
- Cabral, A. A. M. (1999). Prevenção da violência conjugal contra a mulher. *Ciência & Saúde Coletiva, 4* (1), 183-191.
- Coelho, P. (2005). Violência conjugal, violência física conjugal nas mulheres que recorrem aos cuidados de saúde primários. *Revista Portuguesa Clínica Geral, 21*, 343-51.
- Correia, S. C. D. (2013). *Crenças acerca da violência conjugal e ruturas da conjugalidade na população residente nos distritos de Lisboa e Setúbal* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Costa, G. L., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Escola de Psicologia, Universidade do Minho, 2*-26.
- Couto, J. M. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Almada, Portugal).
- Cortez, B. M., & Souza, L. (2008). Mulheres (in)subordinadas: O empoderamento feminino e as suas repercussões. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2*(24), 171-180.
- Czuba, J. N. S. (2015). *Violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais*. (Dissertação de mestrado não publicada). Ispa, Lisboa.
- Dinis, F. N., & Calvalcanti, F. R. (2008). Discursos sobre homossexualidade e género na formação em pedagogia. *Pro-Posições, 19*(2), 99-109.

- Diniz, F. M. N., Lopes, M. L. R., Gesteira, M. S., Alves, B. L. S., & Gomes, P. N. (2003). Violência conjugal: Vivências expressas em discursos masculinos. *Revista Escolar Enfermagem USP*, 37(2), 81-8.
- Fernandes, J. A. G. (2014). *As crenças dos profissionais das Forças de Segurança sobre a violência doméstica* (Dissertação de Mestrado não publicada), Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal.
- Gelles, R. (1997). *Intimate violence in families*. California: Sage Publications.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis* (2a). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *Psico*, 35(1), 69-78.
- Nunan, A. (2010). Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicologia Argumento*, 28(62), 247-259.
- Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J., Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L., (2016). The dark side of heterosexual romance: endorsement of romantic beliefs relates to intimate partner violence. *Sex Roles*, 76, 99–109. DOI 10.1007/s11199-016-0668-0
- Perez-Jimenez, D., Rodríguez-Medina, S. M., & Rodríguez-León, F. J., (2017). Beliefs and attitudes toward intimate partner violence in a group of young puerto ricans. *The Qualitative Report*, 22 (7), 2048-2065.
- Rifiotis, T. (2008). Judicialização das relações sociais e estratégias de reconhecimento: Repensando a ‘violência conjugal’ e a ‘violência intrafamiliar’. *Revista Katál*. 2(11), 225-236.
- Rosa, G. A., Boing, F. A., & Buchele, F. (2008). A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde Social*, 3 (17), 152-160.

Conclusão Geral

Foi a partir da década de 70, com os movimentos de emancipação feminina, que a sociedade, no geral, começou a discutir a problemática da violência doméstica. Em Portugal, foi no decorrer da década de 90, que se pode observar uma maior consciencialização sobre o problema da violência conjugal (Nunan, 2004).

Geralmente, o termo de violência conjugal, é utilizado com o intuito de descrever situações de violência que decorrem no seio de uma relação heterossexual, ou seja, entre homens e mulheres. Porém, é importante não esquecer que este mesmo termo, sob a forma de violência nas relações íntimas, é também, utilizado para representar a violência ocorrida entre indivíduos do mesmo sexo, e não só (Antunes & Machado, 2005).

Foi através de um estudo desenvolvido por Antunes e Machado (2005), que se iniciou em Portugal a investigação sobre a temática da violência íntima em indivíduos homossexuais.

Em Portugal, e também internacionalmente, é notória a reduzida existência de estudos relacionados com as crenças sobre a violência nas relações íntimas entre indivíduos do mesmo sexo, uma vez que os estudos existentes manifestam especial enfoque na vitimação e perpetração da violência, arriscamo-nos a afirmar que não existe nenhum estudo que se foque essencialmente nas crenças sobre a violência nas relações íntimas, especialmente de natureza qualitativa.

Segundo a pesquisa realizada, até à presente data, apenas existe um estudo relativo às crenças da violência nas relações íntimas em homossexuais (Czuba, 2015). Este aborda as crenças nas relações íntimas em casais homossexuais, contudo relaciona-as com diversas variáveis e, utiliza como instrumento a Escala de Crenças da Violência Conjugal, conhecida na gíria por ECVC, instrumento concebido para a avaliação das crenças sobre a violência conjugal em indivíduos heterossexuais.

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Como tal, consideramos pertinente que se desenvolva mais estudos e investigações nesta área. Principalmente estudos que se debrucem sobre as crenças da violência nas relações íntimas existentes por parte da comunidade homossexual, da sociedade, dos profissionais da área da temática da violência doméstica, dos profissionais da área da saúde, entre outras populações. O importante é aumentar o conhecimento da população em geral sobre esta temática, evitando situações de discriminação para com esta população e, possibilitando a criação de estratégias de combate e prevenção à violência nas relações íntimas sobre a população homossexual.

Através das metodologias utilizadas na realização dos dois estudos apresentados, foi possível compreender que, apesar das diferenças existentes entre a violência praticada nas relações íntimas heterossexuais e entre pessoas do mesmo sexo serem significativas, é necessário ter em conta as semelhanças que entre elas existem, sem esquecer as especificidades de cada população. Com os resultados dos dois estudos podemos afirmar que os indivíduos com relações íntimas com pessoas do mesmo sexo acreditam que a violência praticada no seio destas é igual à violência praticada nas relações heterossexuais. Outro resultado comum entre os dois estudos é o facto de tanto os artigos analisados no artigo um, assim como os participantes do estudo dois, assumem que as crenças legitimadoras da violência incidem sobre os sujeitos, e surgem como fatores de risco ou preditores para a perpetração e/ou aceitação de comportamentos violentos no seio das relações íntimas (Czuba, 2015; Papp et al., 2016; Perez-Jimenez et al., 2017). Outro resultado semelhante entre estudos, recai nas crenças que legitimam e banalizam a pequena violência, assim como, nos papéis de género. Já nos estudos analisados, foi frisada a importância do papel da sociedade na prevenção e no combate à violência nas relações íntimas em indivíduos do mesmo sexo, tal foi possível verificar, também, nas entrevistas dos participantes do estudo dois. Todos os participantes referiam as diferenças de que é alvo a violência nas relações íntimas em casais

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

do mesmo sexo face à violência nas relações íntimas em heterossexuais. É por isso necessária uma adequação das medidas de combate e prevenção, assim como da divulgação dos apoios existentes.

No que concerne a possíveis limitações de ambos os estudos, desde logo, no estudo de revisão sistemática da literatura (artigo 1), devido aos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, é provável que tenham ficado de fora alguns estudos com contributos viáveis e importantes para o estudo das crenças nas relações íntimas. No estudo de natureza empírica (artigo 2), que utilizou a metodologia qualitativa de análise do conteúdo, é possível que devido à codificação das categorias e subcategorias, assim como das características pessoais da investigadora, tenham ficado por identificar crenças que estejam presentes nos relatos dos participantes, influenciado deste modo os resultados obtidos.

Contudo, apesar das eventuais limitações, a presente investigação resultou em contributos concretos para o conhecimento deste fenómeno das crenças nas relações íntimas, nomeadamente nas semelhanças que existem entre os dois tipos de população e no preconceito que os indivíduos que mantêm relações com pessoas do mesmo sexo sentem face à sociedade e aos apoios existentes. A investigação contribuiu ainda para a identificação de necessidades de investigação e trabalho futuros, descritos em cima.

Referências

- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A violência nas relações homossexuais. *Psychologica*, 39, 167–187.
- Czuba, J. N. S. (2015). *Violência doméstica entre parceiros íntimos homossexuais*. (Dissertação de mestrado não publicada). Ispa, Lisboa.
- Nunan, A. (2004). Violência doméstica entre casais homossexuais: O segundo armário? *Psico*, 35(1), 69-78.
- Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J., Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L., (2016). The dark side of heterosexual romance: endorsement of romantic beliefs relates to intimate partner violence. *Sex Roles*, 76, 99–109. DOI 10.1007/s11199-016-0668-0
- Perez-Jimenez, D., Rodríguez-Medina, S. M., & Rodríguez-León, F. J., (2017). Beliefs and attitudes toward intimate partner violence in a group of young puerto ricans. *The Qualitative Report*, 22(7), 2048-2065.

Anexos

Anexo A

Guião de Entrevista

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

“Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais”

Paes de Carvalho, Sani e Soeiro (2017)

1. O que entende por violência nas relações íntimas?
2. O que é que na sua opinião podem ou não ser considerados atos de violência nas relações de intimidade de casal?
3. O que é que considera ser um comportamento desadequado no seio de uma relação íntima?
4. Considera aceitável a existência de violência quando existe um comportamento desadequado por parte do seu companheiro (a)?
5. Que razões poderão na sua opinião justificar a prática de comportamentos violentos no seio das relações íntimas?
6. Já alguma vez esteve numa relação em que o seu companheiro(a) tenha ameaçado divulgar a sua orientação sexual?
Se sim.
7. Como decorriam esses comportamentos? Que tipo de comportamentos tinha?
8. Que medidas tomou para ultrapassar essa problemática?
9. O que pensa sobre este tipo de atitudes?
10. Pode descrever-nos alguma situação em que sentisse estar a viver uma experiência passível de se enquadrar numa situação de violência?
11. Numa discussão já se exaltou com o seu companheiro (a)? Como reagiu?
12. Que consequências resultaram deste tipo de situação?
13. Que formas geralmente usam (mutuamente) enquanto casal para resolver uma situação de conflito séria?
14. Quais os efeitos possíveis de uma experiência de violência na intimidade? O que é que fazia se estivesse a experienciar uma situação de violência nas relações íntimas?

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

15. Qual o grau de contensão na partilha da sua experiência deve ter ou não um casal que vivencie violência na intimidade?

16. Para si, em que sentido se justifica a intervenção ou não de terceiros em situações de violência entre casais?

17. Tem conhecimento de medidas de apoio a vítimas de violência nas relações íntimas para casais homossexuais? Qual a sua opinião relativamente à aplicação dessas medidas?

18. Considera que a sociedade perspetiva a violência entre casais homossexuais e heterossexuais de forma distinta? Como define essa diferença?

Anexo B

Parecer da Comissão Ética da Universidade Fernando Pessoa

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade



Universidade Fernando Pessoa
www.ufp.pt

Das conhecimentos à
aluna e Orientadora(s).
C. Gomes
03/04/2017

Exma. Senhora
Prof. Doutora Inês Gomes
Diretora da FCHS

Porto, 30 de Março de 2017

Exma. Senhora Prof. Doutora,

A Comissão de Ética, depois de reapreciado o projeto de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Violência e Crime, de Maria Magalhães Paes de Carvalho, intitulado "Crenças nas relações íntimas em casais homossexuais" e de contactada a orientadora do mesmo, considera-se nada haver a opor à sua realização, desde que o local escolhido para entrevistas presenciais respeite a confidencialidade e a privacidade.

Com os melhores cumprimentos.

A Presidente da
Comissão de Ética da UFP


Teresa Martinho Toldy



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

UFPE, 501 957 907 - Av. Conselheiro Sá da Bandeira, 640 - 4150-012 Porto - Portugal

REGIÃO 1 | Faculdade de Ciências Humanas e Sociais | 1. Faculdade de Ciências e Tecnologia | Praça 9 de Abril, 349 - 4200-004 Porto-Portugal | T +351 22 507 5000 | F +351 22 508 8284 | geral@ufp.pt

2. Faculdade de Ciências da Saúde | 1.1 Escola Superior de Saúde | R. Campo da Saúde, 796 - 4200-100 Porto - Portugal | T +351 22 507 4030 | F +351 22 507 4032 | R. Saúde-Mat. 334 - 4200-253 Porto - Portugal

T +351 22 509 5370 | geral@esusc.ufp.pt. UNIDADE de Porto de Lisboa - Casa do Servidor - R. Colégio de Bernardino - 4990-070 Porto de Lisboa-Portugal | T +351 258 741 826 | F +351 258 741 412 | geral@ufp.pt

Anexo C

Formulário *Google Forms*

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Esta investigação insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça, da Universidade Fernando Pessoa, tendo como objectivo primordial estudar as Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais. Este estudo está a ser realizado pela discente Maria Paes de Carvalho, sob a orientação da Professora Doutora Ana Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro.

A participação no presente estudo é anónima e implica a realização de uma entrevista, tendo uma duração aproximada de 30 minutos, sendo os dados recolhidos confidenciais. Esta entrevista será agendada entre o participante e a investigadora de acordo com a sua disponibilidade, e decorrerá num local confortável para o participante, mantendo a confidencialidade e as condições necessárias à realização da mesma.

Pretende-se com a realização da entrevista conhecer melhor as dinâmicas amorosas e de violência que existem entre os casais homossexuais e/ou bissexuais.

Tem o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Os dados serão utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Sempre que necessário poderá contactar a investigadora para esclarecer dúvidas que tenha, através do e-mail da investigação (investigacao.crih@gmail.com). Se aceitar participar neste estudo deve assinalar a resposta "Sim" à questão abaixo e ser-lhe-ão solicitados dados sociodemográficos e um endereço de email. Posteriormente será contactado para ser agendada a Entrevista (presencial ou online).

Para participar no estudo é necessário que tenha como orientação sexual, a homossexualidade e/ou a bissexualidade, e ser maior de 18 anos.

***Obrigatório**

Aceito participar na presente Investigação *

Sim

Dados Sociodemográficos

“Crenças nas Relações Íntimas em Casais Homossexuais”

Para dar início à participação no estudo é necessária a recolha de alguns dados individuais que nos permitirão, posteriormente, fazer uma caracterização geral a respeito dos participantes nesta investigação académica, sem que os mesmos sejam sequer identificados, uma vez que os dados serão tratados de forma conjunta.

Dados Sociodemográficos

1. Idade: ___ anos

2. Sexo: ___M ___F

3. Localidade: _____

4. Habilitações Literárias:

- 1º Ciclo (entre 1º e 4º anos)
- 2º Ciclo (entre 5º e 6º anos)
- 3º Ciclo (entre 7º e 9º anos)
- Ensino Secundário (entre 10º e 12º anos)
- Ensino superior (licenciatura ou bacharelato)
- Outro – Qual: _____

5. Profissão? _____

6. Estado civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a) / União de Facto
- Divorciado(a) / Separado(a)
- Viúvo(a)

7. Orientação sexual

- Gay
- Lésbica
- Bissexual
- Outra

Anexo D

Grelha de Codificação

Crenças sobre a violência nas relações de intimidade

Categories	Subcategories
Percepção da violência e as suas manifestações	Conhecimento do fenómeno; Tipos de violência; Formas/atos de violência;
Violência nas relações de intimidade e as suas justificações	Vitimização do fenómeno; Perpetração do fenómeno; Razões para os comportamentos violentos;
Outing	Vivência do fenómeno;
Resolução de conflitos na relação íntima	Consequências da violência; Partilha de experiências; Privacidade;
O apoio e a perspetiva da sociedade	Partilha; Pedido de apoio; Solicitar intervenção; Diferença na sociedade;